

FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO – FUNDAJ
DIRETORIA DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL E INOVAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL DE SOCIOLOGIA EM REDE NACIONAL

KLEVER ALBERTO DA SILVA

**TU TE TORNAS RESPONSÁVEL PELA SOCIOLOGIA QUE PRATICAS:
UMA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA NO ENSINO MÉDIO ATRAVÉS DA
LITERATURA INFANTOJUVENIL**

**RECIFE
2025**

KLEVER ALBERTO DA SILVA

**TU TE TORNAS RESPONSÁVEL PELA SOCIOLOGIA QUE PRATICAS:
UMA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA NO ENSINO MÉDIO ATRAVÉS DA
LITERATURA INFANTOJUVENIL**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* de Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional da Fundação Joaquim Nabuco (ProfSocio), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Linha de Pesquisa: Educação, Escola e Sociedade

Orientador: Prof.^a Dr^o. Henrique Guimarães Coutinho

**RECIFE
2025**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Fundação Joaquim Nabuco - Biblioteca)

S586t Silva, Klever Alberto da

Tu te tornas responsável pela Sociologia que praticas: uma intervenção pedagógica no Ensino Médio através da literatura infantojuvenil / Klever Alberto da Silva - Recife: O Autor, 2025.

89 p.: il.

Orientador: Henrique Guimarães Coutinho

Trabalho de conclusão de curso (Mestrado) – Programa de Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional – ProfSocio, Fundação Joaquim Nabuco, Recife, 2025

Inclui bibliografia

1. Educação, Ensino Médio. 2. Sociologia, Material Pedagógico. I. Coutinho, Henrique Guimarães, orient. II. Título

CDU: 316:37.046.14

FOLHA DE APROVAÇÃO

Klever Alberto da Silva

Tu te tornas responsável pela sociologia que praticas: uma intervenção pedagógica no ensino médio através da literatura infantojuvenil

Trabalho aprovado em 20 de agosto de 2025 em banca presencial.

BANCA EXAMINADORA COM PARTICIPAÇÃO PRESENCIAL

Dr. Henrique Guimarães Coutinho

Orientador/Examinador Interno – ProfSocio/ Fundaj

Dr.^a Ana de Fátima Pereira de Sousa Abranches

Examinadora Interna – ProfSocio/Fundaj

Dr. Ronald dos Santos Oliveira

Examinador Externo – UFPE

Dedico este trabalho a todos que, com gestos, palavras ou apoio, contribuíram para a concretização deste sonho. Minha mais sincera gratidão a cada um de vocês.

AGRADECIMENTOS

Chegar até aqui foi uma caminhada repleta de desafios, aprendizados, e, sobretudo, de muito apoio. Por isso, gostaria de expressar minha gratidão a todos que, de forma direta ou indireta, contribuíram para a concretização deste sonho.

Em especial, quero agradecer ao meu orientador, Henrique Guimarães, por sempre estar presente, tirando minhas dúvidas e orientando a construção deste trabalho. Sua dedicação, paciência e conhecimento foram fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa.

À minha mãe, Ericka Silva, por ser meu porto seguro e minha maior inspiração desde o falecimento de meu pai. Seu amor incondicional e sua força sempre me guiaram, mesmo nos momentos mais difíceis. Ao meu irmão, Kleber Alberto, pelo apoio constante e por sempre acreditar em mim.

Ao Adriano Costa, que sempre me ouviu, me apoiou e alimentou com expectativas para que eu pudesse chegar até aqui. Sua parceria e incentivo foram pilares essenciais nos momentos em que mais precisei de força para continuar.

Aos meus companheiros de turma, em especial à Edja Maria, que foi fundamental para o meu crescimento acadêmico, sempre disposta a tirar minhas dúvidas e me ajudar nos momentos em que mais precisei. Sua dedicação e amizade foram essenciais para que chegasse até aqui.

À FUNDAJ, instituição que carrego no coração e posso um profundo laço afetivo. Foi aqui que encontrei não apenas um espaço de aprendizado, mas também um lugar que me permitiu construir amizades, adquirir conhecimento e honrar a memória do meu pai, Carlos Alberto (*in memoriam*), que trabalhou por longos anos nesta instituição e sempre acreditou no poder da educação me incentivando a seguir em frente.

Por fim, quero agradecer a todos os professores, colegas, amigos, funcionários da FUNDAJ e familiares que, de alguma forma, contribuíram para esta conquista. Este momento não seria possível sem o apoio de cada um de vocês.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi desenvolvido no âmbito do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO) e teve como objetivo realizar uma intervenção didático-pedagógica com alunos do 1º ano do Ensino Médio de uma escola pública estadual em Igarassu, Pernambuco, buscando aproximar os conteúdos sociológicos da realidade concreta dos estudantes. A proposta consistiu na elaboração de sequência didática baseados em um livro paradidático, com foco na abordagem de conceitos como imaginação sociológica, capital cultural, socialização, habitus e relações de poder. Os encontros foram realizados na biblioteca da instituição, espaço que se mostrou mais acolhedor e propício ao diálogo, favorecendo um ambiente de escuta ativa e participação espontânea. Durante as atividades, a literatura foi utilizada como mediadora para estimular reflexões sobre temas sensíveis e cotidianos, como desigualdade social, afetividade, identidade e memória coletiva. A metodologia adotada seguiu uma abordagem qualitativa, fundamentada nos princípios da pesquisa-ação, por meio de uma sequência didática composta por rodas de conversa, atividades artísticas e produções autorais. Ao longo do processo, os estudantes passaram a relacionar os conceitos sociológicos discutidos em aula com suas próprias vivências, desenvolvendo um olhar mais crítico e sensível sobre o mundo social. Os resultados evidenciaram que práticas pedagógicas que priorizam a interdisciplinaridade, o afeto e a valorização das narrativas dos alunos são fundamentais para tornar o ensino da Sociologia mais significativo e transformador.

Palavras-chave: Sociologia. Intervenção Pedagógica. Interdisciplinaridade, O Pequeno Príncipe, Ensino Médio.

ABSTRACT

This Final Paper was developed within the scope of the Professional Master's Degree in Sociology in National Network (PROFSOCIO) and aimed to carry out a didactic-pedagogical intervention with 1st-year high school students from a public state school in Igarassu, Pernambuco, seeking to bring sociological content closer to the students' concrete reality. The proposal consisted of the elaboration of lesson plans based on a paradidactic book, focusing on concepts such as sociological imagination, cultural capital, socialization, habitus, and power relations. The meetings took place in the school library, a space that proved to be more welcoming and conducive to dialogue, fostering an environment of active listening and spontaneous participation. During the activities, literature was used as a mediator to stimulate reflections on sensitive and everyday topics, such as social inequality, affectivity, identity, and collective memory. The methodology adopted followed a qualitative approach, based on the principles of action research, through a didactic sequence composed of discussion circles, artistic activities, and authorial productions. Throughout the process, students began to relate the sociological concepts discussed in class to their own life experiences, developing a more critical and sensitive perspective on the social world. The results showed that pedagogical practices that prioritize interdisciplinarity, affection, and the appreciation of students' narratives are fundamental to making the teaching of Sociology more meaningful and transformative.

Keywords: Sociology. Pedagogical Intervention. Interdisciplinarity. The Little Prince. High School.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

EREM – Escola de Referência em Ensino Médio

LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC – Ministério da Educação e Cultura

OTM – Orientações Teórico Metodológicas

PNLD – Plano Nacional do Livro Didático

PROFSOCIO – Programa de Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional

ÍNDICE DE FIGURAS

FIGURA 1 PRODUÇÃO ARTÍSTICA COLETIVA: ESTUDANTES TRANSFORMAM REFLEXÕES EM ARTE. AUTORIA: KLEVER ALBERTO, 2024.....	53
FIGURA 2 ESTUDANTES RESINIFICAM PERSONAGENS CLÁSSICOS ATRAVÉS DE SUAS PRÓPRIAS EXPERIÊNCIAS. AUTORIA: KLEVER ALBERTO, 2024.....	56
FIGURA 3 MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA EM AÇÃO: O APLICADOR (EM PRIMEIRO PLANO) CONDUZ DIÁLOGOS ENTRE A OBRA LITERÁRIA E REFERENCIAIS TEÓRICOS, ENQUANTO OS ESTUDANTES TRADUZEM ESSAS REFLEXÕES EM CRIAÇÕES ARTÍSTICAS COLETIVAS. AUTORIA: KLEVER ALBERTO, 2024.....	57
FIGURA 4 ESTUDANTES REINTERPRETAM SAINT-EXUPÉRY ATRAVÉS DE SUAS PRÓPRIAS NARRATIVAS VISUAIS. AUTORIA: KLEVER ALBERTO, 2024.....	58
FIGURA 5 NUVEM DE PALAVRAS CONSTRUÍDA COLETIVAMENTE PELOS ESTUDANTES VIA MENTIMETER: REPRESENTAÇÃO VISUAL DAS INQUIETAÇÕES E PADRÕES DE SUAS ROTINAS DIÁRIAS. AUTORIA: KLEVER ALBERTO, 2024.....	60
FIGURA 6 PROCESSO DE CONSTRUÇÃO COLETIVA: PROFESSOR ORIENTA A TURMA NA ELABORAÇÃO DA NUVM DE PALAVRAS ATRAVÉS DO APLICATIVO MENTIMETER. AUTORIA: KLEVER ALBERTO, 2024.....	61
FIGURA 7 VERSÃO DA RAPOSA E DA ROSA REINVENTADAS PELOS ALUNOS, MESCLANDO O TEXTO DE SAINT-EXUPÉRY COM SEUS UNIVERSOS PESSOAIS. AUTORIA: KLEVER ALBERTO, 2024.....	62
FIGURA 8 VERSÃO DA ROSA REINVENTADA PELOS ALUNOS, MESCLANDO O TEXTO DE SAINT- EXUPÉRY COM SEUS UNIVERSOS PESSOAIS. AUTORIA: KLEVER ALBERTO, 2024.....	62
FIGURA 9 A CENA DA PARTIDA DO PEQUENO PRÍNCIPE RESSIGNIFICADA PELOS ESTUDANTES, QUE MESCLAM ELEMENTOS DA OBRA COM REFERÊNCIAS DE SEUS UNIVERSOS CULTURAIS E AFETIVOS. AUTORIA; KLEVER ALBERTO, 2024.....	63
FIGURA 10 REPRESENTAÇÕES ESTUDANTIS DO EMBLEMÁTICO ENCONTRO COM A RAPOSA. AUTORIA: KLEVER ALBERTO, 2024	64
FIGURA 11 REINTERPRETAÇÕES DA ROSA SOLITÁRIA, ONDE OS ESTUDANTES EXPLORAM ATRAVÉS DA ARTE OS TEMAS DA SAUDADE, DO AMADURECIMENTO E DA AUTO- DESCOBERTA NA AUSÊNCIA. AUTORIA: KLEVER ALBERTO, 2024.....	65
FIGURA 12 REPRESENTAÇÃO ARTÍSTICA DO PEQUENO PRÍNCIPE IMERSO EM PENSAMENTOS, ONDE OS ESTUDANTES EXPLORAM VISUALMENTE SEUS MOMENTOS DE SOLIDÃO E DESCOBERTA. AUTORIA: KLEVER ALBERTO, 2024.....	65
FIGURA 13 OS ESTUDANTES RECREIAM O PRÍNCIPE PROTEGENDO SUA ROSA, CAPTURANDO EM TRAÇOS E CORES A DELICADA DIALÉTICA ENTRE POSSE E CUIDADO QUE MARCA A OBRA. AUTORIA: KLEVER ALBERTO, 2024.....	66
FIGURA 14 DECLARAÇÃO DA REALIZAÇÃO DA INTERVENÇÃO	72
FIGURA 15 SARAU ENEGRECER (APÓS O FIM DA INTERVENÇÃO): VOZES QUE ECOAM CONHECIMENTO, ARTE E IDENTIDADE! AUTOR: KLEVER ALBERTO, 2024.	73
FIGURA 16 RODA DE CONVERSAS 'ESCOLA SEM RACISMO': UMA CONSTRUÇÃO COLETIVA ENTRE ESCOLA, COMUNIDADE E O SINTEPE, FORTALECIDA PELO PROJETO ENEGRECER (APÓS O FIM DA INTERVENÇÃO) QUE FOI CRIADO EM PARCERIA DOS PROFESSORES DE LINGUAGENS E HUMANAS. AUTOR: KLEVER ALBERTO, 2024.	73
FIGURA 17 CRIAÇÃO DE ZINE PARA O SARAU (APÓS O FIM DA INTERVENÇÃO). AUTOR: KLEVER ALBERTO, 2024.	74

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. A IMPORTÂNCIA DA SOCIOLOGIA NA FORMAÇÃO CIDADÃ E NA COMPREENSÃO CRÍTICA DA SOCIEDADE	16
3. O PEQUENO PRÍNCIPE COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA	22
3.1 Diversidade Cultural e Social.....	26
3.2 Significado e Propósito	31
3.3 Conceitos Filosóficos e Existenciais	34
3.4 Aulas De Sociologia e o Novo Ensino Médio.....	37
3.5 Elementos Do Livro.....	39
3.6 Contexto Histórico da obra utilizada.....	40
3.7 Simbologias e Teorias Sociológicas	42
4. METODOLOGIA.....	48
5. RESULTADOS E DISCURSÃO	51
5.1 Aula 1.....	51
5.2 Aula 2.....	54
5.3 Aula 3.....	56
5.4 Aula 4.....	58
5.5 Aula 5.....	61
5.6 Aula 6.....	63
6. CONCLUSÃO	69
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	70
8. ANEXOS.....	72

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão do curso de Mestrado Profissional em Sociologia em Rede Nacional (ProfSocio) propôs uma intervenção pedagógica com alunos do Ensino Médio de uma Escola de Referência (EREM) da Rede Estadual, em Igarassu, Pernambuco. O objetivo foi utilizar uma obra literária como ferramenta pedagógica para incentivar a leitura, a interpretação e debates sobre temas sociológicos.

Sendo assim, a utilização do livro em questão permitiu uma abordagem de fácil acesso, facilitando a assimilação e incentivando uma reflexão crítica de nossas estruturas sociais. Desse modo, tal intervenção visou não apenas transmitir conhecimento, mas também despertar o hábito de leitura, cultivar habilidades de análise, interpretação textual e exercitar o pensamento crítico dos estudantes, preparando-os para uma participação mais ativa e consciente na sociedade.

O papel da leitura vai muito além da simples decodificação de palavras; é uma atividade intrínseca ao ser humano, uma capacidade que se desenvolve desde o nascimento, uma interpretação contínua de situações, pessoas e olhares. Segundo Basso e Miquelante (2014, p.23), cabe à escola desempenhar o papel de mediadora entre a leitura, o educando e o mundo, reconhecendo a importância dessa prática em sala de aula, especialmente no contexto do ensino e aprendizagem.

Essa proposta nasceu da percepção de como a disciplina de sociologia tem sido limitada pela nova reforma do Ensino Médio, ficando restrita, na maioria dos casos, ao 2º ano. A intenção foi demonstrar que há outras formas de levar a sociologia para o dia a dia da sala de aula, usando a literatura como um caminho para provocar reflexões e conversas mais próximas da realidade dos estudantes. Vale ressaltar que o novo modelo foi implantado a partir de 2022, com sua implantação começamos a perceber que as disciplinas foram agrupadas em áreas de conhecimento, bem como é realizada na organização e divisão no Enem¹.

As áreas agrupadas integram todas as disciplinas que pertencem a uma área específica, um exemplo desta organização na composição do currículo é da área das

¹ Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) é uma política pública brasileira de avaliação educacional instituída pelo Ministério da Educação (MEC) em 1998. Seu objetivo inicial era aferir a qualidade do ensino médio no Brasil, mas, ao longo dos anos, o exame passou por reformulações e consolidou-se como principal instrumento de acesso ao ensino superior, sendo utilizado por instituições públicas e privadas em processos seletivos, como o Sistema de Seleção Unificada (SISU), o Programa Universidade para Todos (ProUni) e o Fundo de Financiamento Estudantil (FIES). O ENEM também reflete as diretrizes curriculares nacionais, buscando articular conhecimentos interdisciplinares e competências que vão além da memorização de conteúdos.

Humanidades que passou a abordar e agrupar as seguintes disciplinas: sociologia; história; geografia e filosofia. No entanto, os conteúdos, segundo o MEC², são abordados de maneira interdisciplinar, promovendo uma abordagem integrada do conhecimento.

Diante da BNCC³ e da Reforma do Ensino Médio, o maior temor daqueles que atuam ou estão se formando para atuar na docência de Sociologia no Ensino Médio é a questão da compactação dos conteúdos desta disciplina na matriz curricular do Ensino Médio. A contratação de docentes com formação específica e a redução da carga horária, pois tanto a BNCC e a lei *13.415/2017* que reformula o Ensino Médio, apresentou apenas Português e Matemática como disciplinas obrigatórias, a sociologia ficou mantida no campo das Ciências Humanas Aplicadas juntamente com Geografia, História e Filosofia. Mas dado a estrutura de competências e habilidades que norteia a BNCC, dilui os conteúdos da Sociologia, as aulas estão ocorrendo por área de conhecimento e não mais pela área específica. Vale salientar que a Interdisciplinaridade é uma pauta desde a LDB⁴ de 1996.

Pensando nessa “interdisciplinaridade” e atendendo os novos itinerários formativos exponho a proposta desse trabalho que fomentou uma intervenção pedagógica por meio da utilização de um livro paradidático "O Pequeno Príncipe", buscando estimular uma reflexão crítica sobre a nossa sociedade e com isso trabalhar temas sociológicos pertinentes, esta proposta buscou estimular uma reflexão crítica sobre a sociedade, utilizando temas sociológicos básicos que por ventura sempre estão em evidencia nos exames nacionais.

Todas as ações da intervenção pedagógica proposta foram traçadas de acordo com as recomendações da Base Nacional Comum Curricular e do Currículo de Pernambuco, vale ressaltar que a interdisciplinaridade foi utilizando para unir a sociologia com a literatura de forma significativa. Sabe-se que o principal objetivo da sociologia no Ensino

²Ministério da Educação (MEC) é o órgão do governo federal responsável pela formulação e implementação das políticas nacionais de educação no Brasil. Criado em 1930, o MEC atua desde a educação básica até o ensino superior, incluindo áreas como avaliação educacional, formação de professores, financiamento estudantil e regulação das instituições de ensino.

³Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento que orienta os currículos da Educação Básica no Brasil. Ela define os direitos de aprendizagem que todos os estudantes devem desenvolver ao longo das etapas escolares, do Ensino Infantil ao Ensino Médio

⁴Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), promulgada pela Lei nº 9.394/1996, constitui o principal marco normativo da educação brasileira. Ela organiza e regula a estrutura do ensino em seus diferentes níveis e modalidades, estabelecendo os fundamentos legais, os princípios pedagógicos e as responsabilidades dos entes federativos.

Médio é desenvolver nos estudantes a imaginação sociológica, conceito proposto por Wright Mills (1965), que consiste na capacidade de conectar as experiências individuais com os processos sociais mais amplos. Isso significa que os estudantes são incentivados a analisar como suas vidas cotidianas estão intrinsecamente ligadas a questões sociais, políticas, econômicas e culturais.

Esta experiência mostrou como esta visão interdisciplinar pode enriquecer o processo educacional, estimulando os alunos a pensar questões contemporâneas de forma mais aprofundada e conectada com a realidade de seu cotidiano.

A obra literária 'O Pequeno Príncipe', escrita por Antoine de Saint-Exupéry, excede seu status de mero conto infantil e nos presenteia com um vasto espectro de temas que entrelaçam-se profundamente com a realidade humana e seus desafios diários, afinal assim como o personagem principal desta obra vivemos em meio a conflitos em meio a sociedade. Nesta conversa, exploramos a capacidade potencial desta narrativa como uma obra de referência para discussões sociológicas, desvelando camadas de significado que extrapolam barreiras culturais e temporais.

Certos pensamentos ecoam como vento e chegam em lugares tão profundos no ser humano que, embora causem dor, acabam por provocar uma reflexão essencial sobre sua própria essência e seu papel em meio a sociedade.

Para Bourdieu, o capital cultural pode ser incorporado (internalizado na forma de disposições duráveis), objetivado (materializado em bens culturais, como livros por exemplo) ou institucionalizado (através de títulos e diplomas). Ao criar o hábito de leitura, o indivíduo adquire referências culturais, históricos e literários que expandem seu repertório e facilitam a interpretação de textos mais complexos. Isso cria um ciclo virtuoso: quanto maior o capital cultural, mais acessíveis se tornam os conteúdos e, consequentemente, maior a capacidade de interpretação e crítica.

Desse modo, interseção entre sociologia e literatura amplia o capital cultural dos estudantes e os estimulam em diferentes perspectivas e realidades. O Capital cultural dentro da sociedade funciona como uma relação social adquirida através do processo de socialização. Pierre Bourdieu, autor francês nascido no ano de 1930, foi o responsável por criar o conceito de capital cultural e identificar três tipos: capital cultural objetivado, capital cultural incorporado, capital cultural institucionalizado.

No contexto do processo de leitura, o acúmulo de capital cultural se torna fundamental, pois a prática leitora amplia o vocabulário, desenvolve o pensamento crítico e enriquece a compreensão do mundo.

Tal conceito, é formado ao longo de nossa vivencia em sociedade. Ao longo de nossa vida passamos por diversos tipos de influências que de algum modo contribuem para formação do indivíduo. Vale salientar que o capital cultural é dinâmico e tem sua evolução de forma gradativa e que os atores sociais estão presentes neste processo não adquirem o capital cultural da mesma maneira. Esta absorção do capital cultural está relacionada a fatores sociais diversos. Por exemplo, indivíduos que possuem acesso à cultura de forma mais frequente a experiências culturais dinâmicas, além de recursos educacionais possuem um maior acúmulo de capital cultural.

Nossos desejos, gostos e até aquilo que consideramos essencial não nascem conosco: eles são aprendidos ao longo da vida e com as experiências em meio a sociedade. Como diria Émile Durkheim, é a sociedade que nos educa, moldando nossas percepções sobre o que é necessário ou supérfluo. Desde pequenos, absorvemos histórias, costumes e formas de ver o mundo que influenciam o que valorizamos e buscamos. Pierre Bourdieu nos ensina que a cultura não é apenas algo que consumimos, mas algo que nos forma, criando distinções e hábitos que parecem naturais, mas são fruto da socialização. No fundo, aquilo que chamamos de "necessidade" é, muitas vezes, um reflexo do que nos ensinaram a amar, desejar e buscar.

Ao ler a obra de Antoine de Saint-Exupéry, autor do livro "Le Petit Prince" (O Pequeno Príncipe), os estudantes tiveram a oportunidade de expandirem o seu capital cultural. A leitura dessa obra em específico contribuiu para o desenvolvimento do repertório linguístico e a reflexão sobre importantes conceitos sociológicos, tais como: imaginação sociológica; capital cultural, habitus, autoapresentação; interação social e estigma social.

É importante enfatizar que a atual reformulação do Ensino Médio colocou em xeque muitas disciplinas escolares. A Sociologia, em especial, foi uma das mais impactadas pelo processo de implantação desse novo modelo de ensino e aprendizagem. Cabe destacar que, quando esta intervenção foi produzida, ainda estava em vigor a versão anterior da reforma, que posteriormente passou por novas alterações e ajustes. Desta reforma, utilizar de novos projetos educacionais em sociologia, a exemplo desta intervenção, poderemos minimizar os impactos da mudança vigente além de trabalhar temas transversais como Projeto de Vida e Educação Socioemocional, componentes estes que também estão presentes na grade curricular do Estado de Pernambuco.

2. A IMPORTÂNCIA DA SOCIOLOGIA NA FORMAÇÃO CIDADÃ E NA COMPREENSÃO CRÍTICA DA SOCIEDADE

A Sociologia emerge na Europa no século XIX como forma de compreender as bruscas transformações que ocorriam naquele contexto a reboque da Revolução Industrial. O desenvolvimento e progresso econômico, o surgimento das classes sociais, o avanço da ciência e a tecnologia em uma velocidade nunca vista. Os modelos científicos de busca do conhecimento baseado em novas metodologias e epistemologias.

A Sociologia assim surge como disciplina no seio da Modernidade, como um fenômeno intelectual que propicia novas formas de interpretação da realidade. As transformações políticas e econômicas forma alvo e objeto de estudo e reflexão destes pensadores clássicos. Essas transformações, por conseguinte, reconfiguram as relações sociais e os padrões de comportamento coletivo, sendo a análise e a reflexão sociológica instrumentos indispensáveis para a compreensão crítica dessas dinâmicas.

Embora existam diversas abordagens e perspectivas dentro da Sociologia, são os pensadores clássicos que nos oferecem os conceitos fundamentais, como estrutura social, relações sociais, ação social e classes sociais, para compreender a complexidade da vida em sociedade. Em tempos de profundas transformações, refletir sobre essas categorias torna-se essencial para entender como as relações sociais se constroem, se mantêm e se transformam.

As reflexões acerca da nova realidade vigente causam impacto na própria realidade, de modo que as pessoas e grupos sociais passam a intervir nos processos sociais a partir da análise e reflexão que são feitos dele. Os pensamentos influenciam nos processos que estavam em curso. O pensamento sobre a exploração do proletariado, por exemplo, é uma novidade naquele momento, e provoca uma série de reivindicações que lutam pela igualdade social.

As análises das instituições sociais vigentes feitas pelos sociólogos Durkheim e Weber que analisaram a Educação, enquanto instituição formal são cruciais para as modificações que viriam a partir de suas contribuições teóricas. O surgimento da sociologia no século XIX expressa uma preocupação com o desenvolvimento social que se deu a partir de um dado contexto histórico. A Revolução Industrial, que trouxe com ela mudanças nas relações de trabalho, em um contexto mais amplo nas relações sociais.

Conforme Florestan Fernandes (1960), a sociologia possibilita instrumentos e subsídios teóricos, conceituais e metodológicos capazes de explicar qualquer fenômeno

social. A permanência e solidificação desta disciplina na Educação Básica é uma luta indispensável para nós profissionais do campo.

O capítulo IV “Conhecimentos de Sociologia” presente no dossiê de Orientações Curriculares para o Ensino Médio do Ministério da Educação (2006) complementa o que foi relatado em outrora, uma vez que, relata a trajetória da disciplina da Sociologia através do tempo no Brasil, e as lutas travadas em torno da inclusão e inserção da mesma nos currículos do Ensino Médio. Essa discussão é fundamental na formação da Licenciatura, mas que deve ser aliado a prática de sala de aula, pois só a teoria “solta” não parece conformar um caminho sólido de conhecimento. É necessário ampliar debates como estes.

A BNCC Componentes Curriculares e conteúdo de todas as etapas da Educação básica do país, traz uma ideia de unificar tal educação. A BNCC assume a características de fornecer os padrões de conteúdo a serem aplicados a todo o país, ela fixa padrões em 60% do currículo, resta 40% a tratar especificidades locais. A formação de professores e de definição do material didático. Nos processos de avaliação só conta os 60% comum ao país, ou seja, os 40% tendem a se tornar facultativos. Assim, tendem a cair em desuso pelos professores. A referência dos livros didáticos serão os 60%.

A Reforma esvazia o tempo da escola incluindo itinerários externos, redução de custos públicos com a Educação. É importante destacar que o novo modelo foi implantado a partir de 2022, com sua implantação começamos a perceber que as disciplinas foram agrupadas em áreas de conhecimento, bem como é realizada na organização e divisão no Enem.

As áreas agrupadas aglomeraram todas as disciplinas que pertencerem a uma área específica, um exemplo desta organização na composição do currículo é da área das Humanidades que passou a abordar e agrupar as seguintes disciplinas: sociologia; história; geografia e filosofia. No entanto, os conteúdos são abordados de maneira interdisciplinar, promovendo uma abordagem integrada do conhecimento.

A partir do texto de Florestan Fernandes, o autor assinala que o sentido do ensino da Sociologia na escola secundária é o de 'orientar o comportamento humano no sentido de aumentar a eficiência e a harmonia de atividade baseadas em uma compreensão racional das relações entre os meios e os fins, em qualquer setor da vida social' (FERNANDES, 1955, p. 90). Tal perspectiva evidencia a importância da Sociologia como instrumento formativo, capaz de promover uma atuação social mais consciente, crítica e rationalizada por parte dos estudantes.

O referido texto discorre acerca do ensino de Ciências Sociais no Ensino Médio, uma disputa histórica no país. E isto levanta uma questão, qual a relevância do ensino de Ciências Sociais nos cursos secundários, visto que é um campo de conhecimento que não está relacionado, diretamente, com a formação de mão-de-obra, o que considerando um país como Brasil, corrobora para a negação de sua importância.

Essa concepção dialoga diretamente com o que propõe o currículo mínimo, ao enfatizar que o ensino de Sociologia deve promover o desenvolvimento do raciocínio sociológico, a desnaturalização das relações sociais e aquilo que Wright Mills denominou de 'imaginação sociológica'. Por outro lado, essa perspectiva parece ter sido significativamente enfraquecida com a reforma curricular imposta pela BNCC, que reconfigurou os objetivos da disciplina, muitas vezes esvaziando seu potencial crítico e formativo.

No texto de “Os sentidos do ensino de sociologia: o que dizem egresso/as da licenciatura em Ciências Sociais da UFSC? ” os autores discutem o porquê das Ciências Sociais terem relegado o campo do ensino e privilegiado o campo acadêmico.

O texto é interessante e problematiza os sentidos pedagógicos da Sociologia na Educação Básica e aborda a discussão do papel da Sociologia na formação do estudante de Ensino Médio. De maneira que, para o desenvolvimento do senso crítico, de formação para a cidadania, transformação social, inserção da juventude no mundo do trabalho, e para a “formação humanística”.

Essa ideia de que a Sociologia tem como objetivo a formação da cidadania me parece um argumento fraco, sobretudo hoje nas disputas políticas que vivemos para a manutenção da disciplina na Educação Básica. Toda disciplina tem ou deveria ter como base a formação da cidadania. No entanto, este pilar, acompanha as disputas da inserção e da manutenção da Sociologia até os dias de hoje. A ideia de inserção do jovem no mercado de trabalho, é relevante, mas ainda sim, soa como a anterior, extremamente generalista.

Conforme o capítulo IV “Conhecimentos de Sociologia” presente no dossiê de Orientações Curriculares para o Ensino Médio do Ministério da Educação (2006) a trajetória da disciplina da Sociologia através do tempo no Brasil se deu através de uma série de lutas travadas em torno da inclusão e inserção da mesma nos currículos do Ensino Médio. Onde a primeira proposta de inclusão da Sociologia no país foi proposta por Rui Barbosa em 1870 como disciplina que deveria substituir o Direito Natural. No entanto, apenas em 1890 Benjamim Constant no auge da Reforma Secundária do primeiro governo

republicano a torna disciplina obrigatória nessa etapa do ensino. Ao longo das décadas, é possível notar que a Sociologia vai sendo integrada aos mais diversos currículos, de diversos níveis de ensino.

A Sociologia confirma a importância da atuação no campo das Ciências Sociais brasileira, tanto no que se refere a disseminação do conhecimento sociológico em si, como no fortalecimento das lutas sociais, e a primeira delas é a própria luta pela permanência da Sociologia enquanto disciplina na grade curricular.

No campo da Sociologia, destaca-se que a temática história e cultura indígena e afrobrasileira como conteúdo obrigatório no currículo contribui para a desconstrução da hegemonia visão de mundo eurocêntrica, visão esta que cria uma ideia de superioridade dos povos colonizadores em relação aos colonizados. A consequência na prática é a criação de uma série de preconceitos raciais e étnicos que por sua vez operam na construção de uma estrutura que corrobora com a intolerância cultural e religiosa.

A comunidade escolar é marcada por profundas desigualdades sociais, que estão presentes nos diferentes estabelecimentos educacionais do Brasil, e, nesse contexto, esta escola se posiciona com o entendimento de que é uma escola progressista que pode tomar posição e ação a favor de que a ela possa contribuir efetivamente na formação humana, com um movimento de constante reflexão e ação sobre si mesma, sobre o que é, e o que necessita ser.

A prática pedagógica em sala de aula é um processo complexo que envolve não apenas a transmissão de conhecimentos, mas também a formação e desenvolvimento dos estudantes como cidadãos críticos e participativos.

Como professores de Sociologia, a prática pedagógica é orientada pelo entendimento de que a disciplina possui um caráter crítico e reflexivo, voltado para a compreensão das dinâmicas sociais, políticas e econômicas que permeiam a sociedade. Agimos de forma a promover a construção do conhecimento de forma dialógica e participativa, estimulando o pensamento crítico dos estudantes.

Entendemos que o conhecimento sociológico é fundamental para a formação de cidadãos conscientes e engajados socialmente. Por isso, a prática pedagógica deve busca despertar o interesse dos alunos pela Sociologia encontrando formas de levar o conteúdo para a realidade dos estudantes, incentivando-os a refletir sobre os problemas e desafios que enfrentam em seu cotidiano e a compreender as estruturas sociais que moldam suas realidades.

As decisões pedagógicas são influenciadas por diversas questões, tais como a

proposta curricular estabelecida pela instituição de ensino, as características dos alunos, o contexto social e político em que estamos inseridos e nossos próprios referenciais teóricos e metodológicos. Também levamos em consideração as demandas atualizadas do mundo do trabalho e a necessidade de formar indivíduos críticos e preparados para lidar com os desafios da sociedade contemporânea.

Dentre os principais objetivos em sala de aula, destaca-se o papel do professor como agente formador de consciência crítica, capaz de despertar nos estudantes uma compreensão sociológica da realidade. Cabe ao educador provocar o questionamento sobre as estruturas sociais, as relações de poder e as desigualdades que moldam a vida em sociedade, estimulando o aluno a enxergar-se como sujeito histórico e transformador do meio em que vive. Buscamos instigar o pensamento sociológico, estimulando-os a questionar e problematizar as estruturas sociais e os processos de exclusão e inclusão social. Além disso, esperamos contribuir para a formação de cidadãos atuantes, capazes de participarativamente das decisões políticas e sociais, compreendendo a importância do exercício da cidadania e do respeito aos direitos humanos.

Para alcançar nossos objetivos educacionais, mobilizamos uma série de conhecimentos e ferramentas. Utilizamos uma abordagem pedagógica que privilegia a reflexão crítica sobre os conteúdos trabalhados, promovendo debates, problematizações e análises de casos concretos. Também utilizamos recursos didáticos diversificados, como filmes, documentários, textos acadêmicos, livros paradidáticos e notícias atuais, para contextualizar e enriquecer as discussões em sala de aula.

Libâneo (2002) argumenta que a didática compreende o estudo do processo de ensino que incluem objetivos, conteúdos, métodos e formas organizativas da aula. É por meio da didática que o docente orienta suas tarefas e organização da aula e das estratégias e métodos de ensino-aprendizagem.

Neste contexto, a função do professor é “de planejar, selecionar e organizar os conteúdos, programar tarefas, criar condições de estudo dentro da classe, incentivar os alunos, ou seja, o professor dirige as atividades de aprendizagem dos alunos a fim de que estes se tornem sujeitos ativos da própria aprendizagem”. (LIBÂNEO, 2002, p.3).

Libâneo sinaliza em 1994 uma postura que se consolidaria em 1996 com a LDB e que se reafirmaria em momentos posteriores, em 2004 com o decreto n. 5.154/2004 (com objetivo de inserir uma nova concepção de ensino médio, a da educação profissional e tecnológica) e em setembro de 2016, com a Medida Provisória nº746, regulamentando o Novo Ensino Médio.

Essa última prevê, entre outras alterações, um novo Ensino Médio que conte cole e privilegie uma formação técnica e profissional de forma mais acelerada (ao invés das 2.400 horas do ensino médio mais as 1.200 do ensino técnico, o aluno poderá concluir esse ensino técnico dentro das 2.400 horas de ensino médio).

Refletindo sobre a didática e o trabalho dos professores num contexto socioeconômico que reafirma e prioriza a função da escola enquanto ambiente formativo para o trabalho, Libâneo (1994;2002) e Pimenta (2010) tratam a educação como um fenômeno social e consideram como sendo o papel primordial da didática, o de tomar o ensino como uma prática social.

Pimenta (2010, p.2) comprehende que o “ensino é uma prática social complexa” pois é uma tarefa dialógica e dialética entre sujeitos (professores e estudantes) que pode se dar em diferentes espaços e contextos, de ordem social, cultural, política etc. A Pedagogia pode ser definida como o estudo sistemático da Educação, tendo a Didática como subcampo que tem como eixo central a prática do ensino.

A Didática tem o papel de tornar o ensino como prática social no limite em que tem o poder de manter uma ordem social específica, bem como questioná-la e transformá-la.

Por isso a autora propõe o embate com a questão epistemológica da didática, que se apresenta como mera técnica ou ferramenta acrítica de ensino. É imprescindível uma compreensão profunda das estruturas sociais, seu funcionamento e as relações estabelecidas pela prática de ensino em relação a elas.

O ato de ensinar escapa, pois, à prescrição dos especialistas. Na medida em que não se desenvolve como prática social autônoma, mas é parte integrante de dinâmicas que o extrapolam, escapa às decisões dos especialistas, exclusivamente. (PIMENTA, 2010, p.7)

A prática do ensino precisa ser compreendida para além da sala de aula, pois comprehende uma prática humana e social, com potencial de emancipação e transformação social. Ademais, a interdisciplinaridade é um aspecto essencial em nosso ensino, buscando relacionar os conhecimentos sociológicos com outras áreas do conhecimento e estimulando a construção de saberes interligados e integradores.

A prática pedagógica como professor de Sociologia visa desenvolver nos estudantes a capacidade de compreender criticamente a sociedade em que vivem. Ao agirmos como mediadores do conhecimento sociológico, procuramos motivar e inspirar

os alunos, estimulando-os a serem sujeitos ativos no processo de aprendizagem e na transformação social. Nossa prática é influenciada por diferentes fatores e nossas decisões pedagógicas baseiam-se na busca por criar ambientes de aprendizagem reflexivos e participativos. Os objetivos em sala de aula estão voltados para formar cidadãos críticos e engajados socialmente, enquanto as ferramentas e conhecimentos mobilizados abrangem uma variedade de recursos didáticos e abordagens interdisciplinar.

3. O PEQUENO PRÍNCIPE COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA

A obra apresenta uma sutil, mas poderosa crítica à sociedade e isso fica evidente quando observamos as experiências do protagonista. O livro destaca a superficialidade e prioridades muitas vezes equivocadas da vida, proporcionando uma lente através da qual é possível analisar aspectos da sociedade contemporânea. Ao observar o Pequeno Príncipe interagindo com personagens como o Rei, o Vaidoso e o Geógrafo, percebemos a representação de características e comportamentos típicos da sociedade. A busca por poder, reconhecimento social e a falta de conexão emocional são retratadas de maneira que incita reflexões sobre a validade desses valores na vida cotidiana.

Um exemplo disso é a passagem em que o Pequeno Príncipe visita o planeta de um rei que acredita governar todas as estrelas, mas, na verdade, ele é um rei sem súditos. Apesar de se ver como uma figura poderosa, ele vive isolado em seu pequeno planeta, o que nos faz refletir sobre como o poder, muitas vezes, se torna uma ilusão quando desconectado das relações reais e humanas. Essa crítica é especialmente significativa quando consideramos algumas situações em nossa sociedade atual. Por exemplo, em muitos países, vemos líderes que se concentram mais em manter o controle e interesses pessoais do que em promover o bem-estar coletivo.

Em algumas monarquias absolutistas ou até em governos autoritários, como o de algumas ditaduras, o poder é muitas vezes exercido de forma isolada e sem ouvir a população, refletindo uma desconexão com a realidade das pessoas. Também podemos ver isso em algumas grandes corporações, onde os executivos, vivendo em seus próprios "planetas", tomam decisões que impactam milhares de trabalhadores, mas sem considerar suas necessidades reais, focando apenas no lucro e no poder econômico, em outras palavras, no acúmulo de capital.

Outro ponto interessante da história do Pequeno Príncipe questiona a pressa que define a sociedade adulta, algo que se reflete no personagem o acendedor de lampiões.

Ele corre de um lado para o outro, realizando a mesma tarefa repetidamente, sem nunca questionar o verdadeiro motivo de seu esforço. Isso entoa com a maneira como muitos de nós vivemos hoje: sempre correndo atrás de algo, buscando soluções rápidos e uma sensação constante de produtividade, como se a ocupação fosse o único sinal de valor. A correria diária nos impede de parar e simplesmente viver, de olhar ao nosso redor e perceber as coisas que realmente importam: como o tempo com os outros, os momentos simples e as relações que se constroem nas pausas, não nas pressas.

Essa crítica feita anteriormente pode ser mais bem absorvida se relembrarmos um dos conceitos básicos da sociologia, o conceito de solidariedade mecânica de Émile Durkheim. Que em outras palavras, é descrita pelo autor como aquelas relações em que os indivíduos seguem uma rotina automatizada, sem questionar suas próprias ações ou o propósito delas. Em uma sociedade mecânica, tudo é feito por impulso, por hábito, um movimento repetido que, muitas vezes, se perde no vazio. O Lamião personifica esse comportamento: ele repete sua tarefa incansavelmente, sem nunca refletir sobre o que aquilo significa. É um ciclo que, embora pareça eficiente, acaba desconectando as pessoas de seus próprios sentimentos e do significado do que fazem.

Hoje, estamos muitas vezes tão imersos em uma rotina de "fazer", "produzir", "entregar", "alcançar metas", "superar metas", que perdemos de vista o que realmente importa. A busca pela aprovação, pelo reconhecimento, e pela correria por resultados imediatos nos afasta das pequenas coisas que trazem sentido à vida. Fica aqui uma reflexão, estamos apenas seguindo esse ritmo frenético, como o Lamião, ou estamos vivendo de verdade?

A relação do Pequeno Príncipe com a Rosa é uma linda metáfora sobre como, muitas vezes, negligenciamos o cuidado e a profundidade das relações no mundo adulto. A Rosa, com toda a sua fragilidade e se aproveitando da ingenuidade do personagem principal, não é apenas uma busca por reconhecimento ou validação, ela é também um lembrete de que as relações mais importantes exigem cuidado, dedicação e paciência. O Príncipe aprende que, apesar de parecer simples, o que realmente importa é a atenção que ele dedica à sua Rosa e que a verdadeira beleza está no cuidado que ela recebe.

Na sociedade contemporânea, muitas vezes estamos tão focados em mostrar aos outros quem somos, seja através das redes sociais ou no dia a dia, que esquecemos de nutrir as relações com a mesma dedicação. Como no momento do livro em que o Príncipe diz que sua Rosa "é única no universo", em nossa rotina, podemos passar por alto o valor de uma amizade ou de um amor genuíno, trocando a profundidade por aparência. No

trabalho, por exemplo, muitas vezes nos deixamos consumir pelo "produto final", esquecendo de que, por trás dos números e das metas, há pessoas com sentimentos e necessidades que merecem ser cuidadas, assim como a Rosa merecia. A grande lição do Pequeno Príncipe é que, no fim das contas, "só se vê bem com o coração". Isso nos faz refletir: estamos, de fato, olhando com o coração para as pessoas ao nosso redor? Ou estamos tão ocupados que esquecemos de regar nossas rosas?

Ao analisar a obra à luz da sociedade contemporânea, percebemos paralelos com questões como a obsessão por conquistas materiais, o distanciamento emocional e a desconexão com a natureza, elementos que Saint-Exupéry aborda de maneira subjetiva e impactante. Assim, "O Pequeno Príncipe" como podemos observar em outrora, nos fornece uma base rica para a discussão crítica sobre as prioridades e valores da sociedade, incentivando reflexões sobre como esses elementos impactam as relações sociais e a qualidade de vida em comunidades reais.

A abordagem da leitura como uma prática social e discursiva, conforme ressaltado por Paraná (2008, p.64), implica em uma postura analítica e crítica por parte dos estudantes. Essa perspectiva vai além da simples decodificação de palavras, almejando a ampliação dos conhecimentos linguístico-culturais e a percepção das implicações sociais, históricas e ideológicas presentes em um discurso. O respeito às diferenças culturais, crenças e valores é fundamental nesse processo, de acordo com Paraná.

O maior objetivo de leitura é trazer um conhecimento de mundo que permita ao leitor elaborar um novo modo de ver a realidade. Para que uma leitura em Língua Estrangeira se transforme realmente em uma situação de interação, é fundamental que o estudante seja subsidiado com conhecimentos linguísticos, socio pragmáticos, culturais e discursivos (PARANÁ, 2008, p. 66).

Além disso, ao contrastar a visão do Pequeno Príncipe com a dos adultos, Saint-Exupéry destaca a falta de imaginação e a incapacidade de apreciar a simplicidade. Essa crítica relacionasse aos desafios enfrentados por sociedades modernas, onde a sobrecarga de informações e as demandas diárias sufocam a criatividade e a capacidade de se maravilhar com as pequenas coisas. Dessa forma, ao utilizar "O Pequeno Príncipe" como uma obra de referência para discussão sociológica, é possível explorar criticamente como as representações simbólicas na história refletem desafios e padrões observados na

sociedade adulta contemporânea. A obra proporciona uma oportunidade única de questionar e repensar os valores e prioridades que permeiam as interações sociais e estruturas de poder.

A narrativa da obra transcende fronteiras culturais ao explorar as expressões de emoções comuns, proporcionando um terreno fértil para análises sociológicas sobre a natureza humana. A solidão do Pequeno Príncipe em seu asteroide inicial e sua busca por conexão evidenciam a experiência universal de se sentir isolado. Essa narrativa ressoa em contextos sociológicos nos quais a solidão é uma realidade compartilhada por pessoas de diversas culturas. As interações do Pequeno Príncipe com personagens como a raposa e a rosa expressam a amplitude das emoções humanas, desde a alegria efêmera até a tristeza profunda. Essas emoções fundamentais são entendidas e vivenciadas em diferentes sociedades, proporcionando uma base comum para análise.

A relação especial entre o Pequeno Príncipe e a rosa, assim como suas interações com outros personagens, destaca a importância dos vínculos afetivos. O valor atribuído a essas relações transcende barreiras culturais, sendo um tema central em análises sociológicas sobre as conexões interpessoais. A empatia demonstrada pelo Pequeno Príncipe ao compreender as necessidades da raposa e outros seres em sua jornada oferece uma lição sobre a importância da compreensão mútua. Esse tema é aplicável em diversos contextos sociais nos quais a empatia é crucial para relações saudáveis. A capacidade do Pequeno Príncipe de se adaptar a diferentes ambientes e enfrentar desafios reflete a resiliência humana. Essa resiliência é uma característica comum em sociedades diversas, onde as pessoas frequentemente precisam se ajustar a mudanças e superar obstáculos.

Ao concluir este capítulo, é evidente como a obra, com sua simplicidade expõe as falhas de um mundo que, muitas vezes, se perde em sua busca incessante por poder, reconhecimento e resultados rápidos, esquecendo-se do essencial: as conexões humanas genuínas e o cuidado nas relações interpessoais.

Através da interação com personagens como o Rei, o Vaidoso e o Lampião, somos convidados a refletir sobre a superficialidade, a pressa e a falta de propósito que marcam a vida na sociedade. Ao mesmo tempo, a relação com a Rosa nos ensina sobre a beleza da dedicação, do cuidado e da atenção aos detalhes que realmente fazem a diferença.

Neste contexto, a crítica sociológica feita pela obra é clara: em um mundo cada vez mais mecanizado e acelerado, precisamos resgatar a capacidade de olhar com mais sensibilidade para o que nos rodeia, redescobrindo o valor das relações humanas, da empatia e do tempo dedicado ao que é realmente importante.

Portanto, ao refletirmos sobre as lições críticas da obra, somos desafiados a reconsiderar nossas próprias prioridades e a repensar como podemos viver de maneira mais autêntica, conectada e significativa. Este capítulo nos lembra, em última instância, de que o que realmente importa não está nas grandes conquistas ou na correria do cotidiano, mas nas coisas simples e verdadeiras que, muitas vezes, só se enxergam com o coração.

3.1 Diversidade Cultural e Social

Os habitantes de cada planeta, como o Rei, o Vaidoso e a Raposa, apresentam características únicas que simbolizam diferentes aspectos da sociedade. A diversidade de valores, prioridades e formas de interação entre esses personagens possibilita a análise das distintas manifestações culturais e sociais encontradas em comunidades ao redor do globo, a necessidade de integrar esses valores aos conteúdos curriculares. Este movimento reflete a urgência e importância atribuídas à escola e aos educadores no processo de resgate e estímulo à vivência de valores que conduzam à humanização integral dos sujeitos. É essencial compreender que os direitos humanos e a cidadania não são meros conteúdo a serem aprendidos, mas sim princípios a serem incorporados e praticados, sob o risco de desaparecerem da consciência humana.

A educação para a cidadania e os programas educacionais voltados para esse fim pressupõem a crença na tolerância, a marca do bom senso, da razão e da civilidade que faz com que os homens possam se relacionar entre si. Pressupõem também a crença na possibilidade de formar este homem, ensinando a tolerância e a civilidade dentro do espaço e do tempo da escola (SANTOS, 2001, p. 151).

A práxis educativa, como delineada por Paulo Freire, assume um papel fundamental nesse contexto. A efetivação da Educação em Direitos Humanos vai além da mera transmissão de informações; ela requer a construção ativa de conhecimento, a internalização de valores e a prática constante desses princípios na vida cotidiana. O compromisso dos educadores não se limita a repassar conhecimentos sobre direitos e cidadania, mas também a criar ambientes educativos que promovam a reflexão crítica e a aplicação prática desses conceitos.

A escola e seus educadores, portanto, tornam-se agentes-chave na formação de cidadãos conscientes e comprometidos com a promoção dos direitos humanos. A abordagem curricular integrada é uma ferramenta poderosa para instigar a reflexão sobre questões éticas, sociais e políticas. Além disso, a ênfase na práxis educativa, como propõe Freire, implica em desenvolver atividades e tarefas que efetivamente culminem no ato de humanizar. Paulo Freire (1981, p.78), “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediados pelo mundo.”

Para entender o papel transformador da educação na construção de uma sociedade mais justa, é necessário olhar para as raízes dessa transformação. A pandemia de COVID-19, por exemplo gerou uma transformação profunda nas dinâmicas sociais e familiares, afetando diretamente a forma como nos relacionamos com o mundo e com os outros. Durante o período de isolamento, muitas pessoas, forçadas a interromper suas rotinas frenéticas, redescobriram o valor da convivência em casa. O trabalho remoto permitiu que muitos estivessem mais próximos da família, o que, para muitos, trouxe uma sensação de reconexão e revalorização das relações pessoais. Isso fez com que muitas pessoas repensassem suas prioridades, dando mais atenção aos laços familiares, ao descanso e à introspecção.

No entanto, esse momento de introspecção e de foco nas relações mais profundas não foi eterno. Com a gradual flexibilização das medidas restritivas e a volta ao “novo normal”, as sociedades, especialmente na Europa e no Brasil, começaram a retomar seus ritmos acelerados. As relações, antes mais cuidadosas e atentas, passaram novamente a ser diluídas em meio ao ritmo frenético das demandas cotidianas. O distanciamento emocional, tão discutido antes da pandemia, voltou a ser um desafio, como se a pressa e a busca por resultados rápidos fossem uma forma de ocupar o vazio deixado pela falta de reflexão mais profunda.

Em meio a essa recuperação da rotina, um aspecto importante a ser discutido é o papel da educação e dos direitos humanos. A pandemia nos mostrou, talvez de forma inesperada, que a educação vai além das paredes das escolas e das universidades. Ela também se dá nas interações cotidianas, na forma como a sociedade se conecta, se apoia e compartilha experiências. A reflexão sobre os direitos humanos, nesse contexto, se torna ainda mais essencial. Vivemos em uma era onde, apesar do avanço da tecnologia e da comunicação, a desigualdade social e as tensões políticas continuam a crescer, tanto na Europa quanto no Brasil. As crises econômicas e os conflitos políticos, exacerbados pela pandemia, acentuaram ainda mais as divisões. Na Europa, a recuperação da crise gerada

pela COVID-19 trouxe à tona desafios econômicos e sociais complexos, que envolvem desde o aumento das desigualdades até o recrudescimento de tensões políticas e xenofóbicas. No Brasil, as polarizações políticas e a luta pelos direitos sociais intensificaram as divisões, afetando diretamente a coesão social.

É nesse cenário que a educação em direitos humanos ganha uma relevância ainda maior. A pandemia foi um momento de reflexão profunda sobre o que realmente importa: o cuidado com o próximo, a valorização das relações mais próximas, e a necessidade de lutar por uma sociedade mais justa e solidária. A crise que enfrentamos não pode ser esquecida, e sim transformada em uma oportunidade para ensinar valores que transcendem as dificuldades do momento. Como na história do Pequeno Príncipe, é preciso olhar com o coração e compreender que as relações humanas, o respeito e o cuidado são fundamentais para uma sociedade mais harmoniosa.

O processo de educação deve, portanto, envolver a construção de uma cultura de direitos humanos que vá além da sala de aula. Deve permear a vida cotidiana e incentivar a empatia, a solidariedade e o respeito pela diversidade. A verdadeira transformação social começa com pequenos gestos, com o investimento nas relações e com a consciência de que a dignidade humana deve ser preservada em todos os contextos, sejam eles familiares, sociais ou políticos. É esse o legado que podemos construir a partir dos desafios da pandemia, a busca por um mundo mais justo, mais humano e mais atento às necessidades reais das pessoas.

Em síntese, a implementação efetiva da Educação em Direitos Humanos e Cidadania demanda um esforço contínuo da comunidade educativa para além da sala de aula, promovendo uma cultura escolar que transcende o ensino tradicional e busca transformar o conhecimento em ação. Dessa forma, a escola se torna um espaço vital na construção de uma sociedade mais justa, igualitária e comprometida com a promoção dos direitos humanos. Ao considerar a obra à luz de informações reais, é possível relacionar as experiências do Pequeno Príncipe com desafios e características observadas em diversas culturas. A metáfora da Raposa, por exemplo, destaca a importância da paciência e do investimento emocional nas relações interpessoais, algo que pode ser correlacionado com valores presentes em diferentes sociedades.

Além disso, a diversidade cultural é evidente nos diversos modos de vida representados nos planetas visitados pelo Pequeno Príncipe. Essa abordagem permite a discussão sobre a riqueza das tradições e a influência cultural nas dinâmicas sociais, promovendo uma compreensão mais ampla das complexidades presentes nas interações

humanas, como também, a forma como o indivíduo é visto pelo outro.

A habilidade do Pequeno Príncipe de se adaptar a diferentes ambientes planetários sugere uma reflexão sobre a adaptação cultural. Isso proporciona uma lente sociológica para examinar como os indivíduos se ajustam às normas e práticas culturais em diferentes sociedades. A importância dada à educação ao longo da narrativa destaca aspectos sociológicos relacionados à formação de valores e comportamentos

. A abordagem do autor incentiva a reflexão sobre como a educação molda a natureza humana e influencia a visão de mundo dos indivíduos. As dificuldades de comunicação entre o Pequeno Príncipe e os adultos nos planetas visitados levantam questões sobre as barreiras na interação humana. Essas barreiras comunicacionais proporcionam espaço para análises sociológicas sobre as complexidades da comunicação intercultural e interpessoal.

Ao considerar a obra no contexto real, podemos observar como as relações amorosas são moldadas por contextos culturais específicos, influenciando as expectativas, normas e expressões de afeto. Assim, "O Pequeno Príncipe" fornece uma base rica para a discussão crítica sobre as prioridades e valores da sociedade adulta, incentivando reflexões sobre como esses elementos impactam as relações sociais e a qualidade de vida em comunidades reais.

A relação entre o Pequeno Príncipe e a Rosa, portanto, oferece uma plataforma para discutir as nuances das relações românticas em diferentes sociedades. A diversidade cultural e social representada nas páginas de "O Pequeno Príncipe" também possibilita a discussão sobre a importância da compreensão intercultural e da tolerância. A capacidade do Pequeno Príncipe de aprender com as peculiaridades de cada planeta e interagir de maneira respeitosa com seus habitantes destaca a necessidade de aceitar e valorizar as diferenças sociais e culturais em nosso próprio mundo. Portanto, ao utilizar "O Pequeno Príncipe" como obra de referência para discussão sociológica, é possível explorar as diferentes facetas da diversidade cultural e social, estimulando uma reflexão sobre como as variadas manifestações culturais influenciam as interações humanas e moldam as estruturas sociais em níveis global e local.

O conhecimento sociológico mantém uma relação instrumental com o mundo social com o qual se relaciona; tal conhecimento pode ser aplicado de uma maneira tecnológica para intervir na vida social. Outros autores, inclusive Marx (ou,

ao menos, o Marx de certas interpretações) adotam um ponto de vista diferente. Para eles, a ideia de "usar a história para fazer história" é a chave: as descobertas da ciência social não podem apenas ser aplicadas a um objeto inerte, mas devem ser filtradas através do auto-entendimento dos agentes sociais. (GIDDENS, 1991, p. 19).

A jornada do Pequeno Príncipe também aborda a questão da efemeridade da vida, destacando a natureza transitória das experiências humanas. Essa reflexão sobre a finitude da existência pode ser relacionada a desafios contemporâneos, como a busca por significado em meio a um mundo acelerado, onde as mudanças rápidas e as demandas constantes podem influenciar a forma como as pessoas percebem a passagem do tempo e buscam significado em suas vidas.

A metáfora do Pequeno Príncipe visitando diferentes planetas e encontrando personagens únicos pode ser comparada à diversidade de ambientes e subculturas presentes em sociedades reais. A obra destaca como diferentes contextos moldam as experiências individuais, influenciando comportamentos, valores e perspectivas. Isso ressoa com a diversidade observada em sociedades contemporâneas, onde as diferenças culturais, socioeconômicas e geográficas contribuem para uma multiplicidade de visões de mundo.

O relato inicial do livro, no qual um desenho de uma jiboia que engoliu um elefante é interpretado como um simples chapéu pelos adultos, serve como uma poderosa metáfora para a diversidade de perspectivas que podem moldar a interpretação de uma mesma situação. Tal complexidade de entendimento, presente desde a infância do narrador, ecoa nas diversas áreas do conhecimento, incluindo o mundo jurídico. No âmbito jurídico, a variedade de interpretações é evidente, refletindo a multiplicidade de referenciais utilizados por diferentes indivíduos ou grupos. A analogia com a antropologia criminal lombrosiana destaca como uma mesma questão pode ser examinada sob distintos aspectos, gerando resultados e conclusões discrepantes. O legado de Lombroso, ao buscar identificar criminosos natos com base em traços físicos, ilustra a influência de referenciais específicos na formulação de teorias jurídicas.

A evolução da escola positivista, que rejeitou alguns aspectos do modelo de Lombroso e introduziu elementos educativos na análise do crime, ressalta como as interpretações jurídicas podem ser moldadas e adaptadas ao longo do tempo. Esse processo influencia a prática criminal contemporânea, impactando decisões relacionadas

à sentença, redução da pena e sistema de liberdade condicional.

Assim como no desenho do narrador, onde a percepção da jiboia se choca com a interpretação dos adultos, no mundo jurídico, diferentes perspectivas podem coexistir, resultando em abordagens diversas para uma mesma questão. A compreensão da complexidade das interpretações, com suas nuances e variáveis, é fundamental para um sistema jurídico que busca a justiça e a equidade.

“A escola positivista rechaçou alguns aspectos do modelo de Lombroso, ao mesmo tempo em que o ampliou, acrescendo aos fatores biológicos elementos educativos, resultado que influencia a prática criminal na atualidade, especialmente no que tange à indeterminação da sentença, à redução da pena e ao sistema de liberdade condicional” (GOULD, 1999).

3.2 Significado e Propósito

A narrativa de "O Pequeno Príncipe" concentra-se na jornada do protagonista em busca de significado e propósito na vida, temas universais que se assemelham com desafios enfrentados por indivíduos em diferentes sociedades ao redor do mundo. No contexto social, a busca por significado tornou-se uma questão central nas discussões sociológicas contemporâneas. Em sociedades modernas, marcadas por avanços tecnológicos, urbanização e globalização, muitas pessoas enfrentam desafios em encontrar um propósito mais profundo em meio a uma vida agitada e muitas vezes fragmentada.

A história oferece uma lente para examinar como as sociedades contemporâneas abordam questões existenciais. A multiplicidade de personagens e situações na obra permite uma análise de como diferentes abordagens culturais e sociais lidam com a busca de significado, seja através de realizações materiais, conexões interpessoais ou exploração espiritual. A metáfora da Rosa, que representa não apenas um objeto físico, mas também uma fonte de significado na vida do Pequeno Príncipe, pode ser associada às maneiras como as sociedades atribuem valor e significado a elementos distintos, sejam eles tangíveis ou intangíveis.

Além disso, a história destaca a importância de olhar para além das aparências e superficialidades em busca de um propósito mais profundo. Essa reflexão é particularmente relevante em sociedades contemporâneas, onde as pressões externas

muitas vezes desviam as pessoas de suas verdadeiras paixões e objetivos. Assim, "O Pequeno Príncipe" oferece uma plataforma para discutir as diversas abordagens culturais e sociais na busca por significado e propósito, estimulando reflexões críticas sobre como as sociedades contemporâneas enfrentam e abordam as questões fundamentais da existência humana.

A amizade entre o Pequeno Príncipe e a raposa é um exemplo atemporal de como as conexões humanas podem transcender o tempo e o espaço. Essa relação simboliza a importância da amizade e do apoio mútuo, temas que ressoam em diversas culturas e épocas. As interações do Pequeno Príncipe com a rosa e outros personagens enfatizam a duradoura importância do afeto nas relações humanas. A expressão de amor e cuidado é uma constante em análises sociológicas sobre como os laços emocionais fundamentais resistem às mudanças sociais.

O comprometimento do Pequeno Príncipe em cuidar da rosa, apesar dos desafios, ressalta a atemporalidade da responsabilidade nas relações interpessoais. Essa lição sobre responsabilidade mútua pode ser aplicada em diversas sociedades, independentemente do contexto histórico. O contraste entre a natureza efêmera da rosa e a permanência de sua importância na vida do Pequeno Príncipe aborda a atemporalidade das relações humanas.

Isso ressoa em discussões sociológicas sobre a efemeridade das experiências em contraste com a durabilidade das conexões emocionais. A narrativa aborda conflitos nas relações interpessoais, como as discussões entre o Pequeno Príncipe e a rosa. A maneira como esses conflitos são enfrentados e resolvidos destaca aspectos universais da dinâmica humana, servindo como ponto de partida para análises sociológicas sobre resolução de conflitos.

A busca por significado e propósito, tal como explorada em "O Pequeno Príncipe", também reflete as preocupações contemporâneas sobre o sentido da vida em meio a desafios econômicos, sociais e tecnológicos. Em muitas sociedades, a rápida mudança nos padrões de vida e a influência crescente da tecnologia têm levado as pessoas a repensar seus valores e objetivos pessoais. A história do Pequeno Príncipe interagindo com personagens como o Geógrafo, que está mais preocupado com dados e estatísticas do que com a apreciação da beleza do mundo, pode ser interpretada como uma crítica à tendência moderna de buscar significado na acumulação de conhecimento quantificável em detrimento da apreciação da experiência humana.

A metáfora do "desenho de uma ovelha dentro de uma caixa" apresenta uma perspectiva única sobre como as expectativas sociais moldam a busca individual por

propósito. Isso pode ser associado aos padrões sociais contemporâneos, onde as expectativas externas muitas vezes influenciam as escolhas de carreira e estilo de vida, muitas vezes em detrimento da realização pessoal. Além disso, a relação do Pequeno Príncipe com os personagens secundários, como o Aviador, pode ser interpretada como uma ilustração da importância da orientação e mentorias na busca de significado. Na sociedade real, essa dinâmica destaca a necessidade de conexões significativas e apoio emocional ao lidar com questões existenciais.

A profusão de edições do "Pequeno Príncipe" nas livrarias decorre do fato de seu autor, Antoine de Saint-Exupéry, ter ultrapassado 70 anos de seu falecimento, tornando sua obra parte do domínio público. Contudo, a popularidade duradoura desta obra vai além do apelo comercial, pois, ao contrário do que possa parecer à primeira vista, o "Pequeno Príncipe" é muito mais do que uma simples obra infantil. Se você não percebe isso é porque não está enxergando o elefante no estômago da cobra," como diria o narrador da história. De fato, enxergar além da superfície é crucial, especialmente para o jurista, cuja tarefa é interpretar o direito, uma disciplina profundamente enraizada nas ciências humanas.

O direito, por natureza, é fluido e complexo, resistindo à categorização simplista entre certo e errado. Nesse contexto, o "talvez" emerge como uma constante, refletindo a ambiguidade inerente às decisões jurídicas. Além disso, a interseção entre a natureza humana e a sociedade fluida adiciona uma camada adicional de complexidade. A sociedade líquida em que vivemos exige adaptação constante, tornando-nos obrigados a nos ajustar às mudanças ou enfrentar a obsolescência. Não se trata, no entanto, de desvalorizar o tradicional, antigo ou clássico. Há uma distinção crucial entre o que é antiquado e o que é defasado. A fluidez não é um defeito, mas uma resposta necessária às demandas de uma sociedade em constante evolução. Portanto, a obra do "Pequeno Príncipe" continua a ressoar não apenas por sua história aparentemente infantil, mas por suas profundas reflexões sobre a natureza humana, sociedade e as nuances do "talvez" que permeiam.

A narrativa de "O Pequeno Príncipe" favorece uma leitura crítica da natureza humana e do comportamento, oferecendo reflexões que estão relacionados aos desafios encontrados nas sociedades contemporâneas. Os encontros do Pequeno Príncipe com personagens como a Raposa e a Rosa fornecem metáforas valiosas para a compreensão das complexidades das relações sociais. A relação gradualmente construída com a Raposa destaca a importância da paciência, do cuidado e da aceitação mútua, aspectos

fundamentais para as interações sociais.

A partir de uma leitura contextualizada, é possível compreender como as relações presentes na obra remetem à necessidade humana por laços significativos e afetos enriquecedores. Em muitas sociedades, a falta de tempo, as pressões profissionais e as barreiras sociais podem contribuir para um distanciamento nas relações interpessoais, destacando a relevância da mensagem de Saint-Exupéry sobre a importância de investir tempo e esforço nas conexões humanas.

Além disso, a história do Pequeno Príncipe com a Rosa aborda a natureza humana em relação ao amor, às expectativas e à vulnerabilidade. Essa metáfora ressoa com desafios enfrentados em contextos reais, onde as relações amorosas muitas vezes envolvem complexidades emocionais e a necessidade de compreender e aceitar as imperfeições do outro.

A representação dos diversos personagens, cada um com suas características únicas, contribui para uma discussão sobre a diversidade de personalidades e comportamentos humanos. Isso pode ser relacionado à variedade de atitudes e papéis desempenhados nas sociedades contemporâneas, destacando como a natureza humana é multifacetada e moldada por uma interação complexa de fatores sociais, culturais e individuais. Portanto, ao utilizar "O Pequeno Príncipe" como referência para discussões sociológicas sobre a natureza humana e comportamento, é possível explorar como as dinâmicas apresentadas na obra refletem e dialogam com as experiências e observações da vida real em diversas sociedades.

3.3 Conceitos Filosóficos e Existenciais

Conforme já destacado, O Pequeno Príncipe não se limita ao universo da literatura infantil, oferecendo reflexões filosóficas e existenciais que dialogam diretamente com os desafios e dilemas da vida real. A obra de Saint-Exupéry oferece uma plataforma para reflexões profundas sobre a existência humana, alimentando discussões sociológicas fundamentadas em conceitos filosóficos. A busca do Pequeno Príncipe por compreensão e significado reflete a busca filosófica pela verdade e pelo propósito na vida.

As experiências vivenciadas pelo protagonista de O Pequeno Príncipe, desde os encontros com os distintos habitantes dos planetas até as reflexões sobre o significado de "domesticar" alguém, constituem um campo fértil para a análise de conceitos filosóficos aplicáveis à existência humana. A metáfora da Raposa, ao enfatizar que “é preciso criar

laços” para que algo ou alguém se torne especial, pode ser associada à busca por conexão, reconhecimento e pertencimento em uma sociedade cada vez mais marcada por vínculos efêmeros e interações mediadas por tecnologias digitais.

No contexto atual, em que o uso intenso das redes sociais, o individualismo e a cultura da performance afetam a profundidade das relações humanas, a mensagem do livro revela-se ainda mais pertinente. A necessidade de estabelecer vínculos afetivos genuínos pode ser observada na crescente valorização do autocuidado, das redes de apoio emocional e de movimentos que promovem a saúde mental e o bem-estar coletivo.

A relação entre o Pequeno Príncipe e a Rosa, por sua vez, oferece subsídios para refletir sobre o amor e a complexidade das relações interpessoais, especialmente em tempos de relações líquidas, como aponta o sociólogo Zygmunt Bauman. A dedicação do protagonista à Rosa remete à ideia de responsabilidade afetiva, tema amplamente debatido nas discussões contemporâneas sobre afetividade, respeito mútuo e compromisso emocional.

As perguntas sobre o propósito da vida, o valor das relações e a construção de um sentido pessoal para a existência ressoam nas trajetórias de sujeitos que, diante das pressões do mundo moderno, buscam alternativas que combinem realização pessoal, pertencimento e autenticidade. Assim, a obra de Saint-Exupéry oferece uma base rica para discussões filosóficas e sociológicas que dialogam com as experiências vividas por indivíduos na sociedade contemporânea.

A metáfora do “pequeno grão de areia” que o Pequeno Príncipe compartilha com o Aviador aborda conceitos filosóficos sobre a efemeridade da vida e a relatividade das preocupações humanas. Isso pode ser relacionado a debates filosóficos sobre a busca de sentido em um universo vasto e a necessidade de encontrar significado nas pequenas e fugazes experiências da existência. A ideia do Pequeno Príncipe de que “só se vê bem com o coração” e a famosa citação “o essencial é invisível aos olhos” encapsulam conceitos filosóficos sobre a importância da percepção, empatia e compreensão profunda para uma compreensão mais plena da realidade. Esses conceitos podem ser extrapolados para contextos sociológicos, onde a compreensão empática das experiências dos outros é fundamental para lidar com questões sociais complexas.

A busca do Pequeno Príncipe por conhecimento e sabedoria, representada em suas conversas com o Aviador, oferece uma abordagem filosófica sobre a jornada de autodescoberta. Essa busca pode ser comparada às aspirações humanas de conhecimento e autorrealização nas sociedades contemporâneas, onde a educação e o desenvolvimento

pessoal são considerados elementos fundamentais para uma vida significativa.

A história também explora a dualidade entre a infância e a maturidade, sugerindo que, às vezes, os adultos perdem a capacidade de perceber a beleza e a simplicidade presentes na vida. Essa dualidade pode ser interpretada em termos filosóficos, questionando como as sociedades atribuem valor a diferentes estágios da vida e como a percepção da realidade evolui ao longo do tempo.

A busca do Pequeno Príncipe por seu propósito e a descoberta de seu compromisso com a Rosa podem ser analisadas sob a ótica de filósofos que exploram a autenticidade e a autodescoberta. Em um contexto sociológico, isso pode se correlacionar com o desafio enfrentado por indivíduos em sociedades contemporâneas para encontrar seu papel e propósito em meio às complexidades da vida moderna.

Outro aspecto relevante é a questão da perda e da saudade, conceitos filosóficos que exploram a natureza efêmera da existência e a maneira como as lembranças moldam nossa compreensão do presente e do futuro. Essa abordagem filosófica se entrelaça com experiências humanas reais, especialmente em sociedades onde as mudanças rápidas muitas vezes trazem consigo a necessidade de lidar com perdas e transformações.

A obra aborda a absurdade da vida de maneira poética e filosófica. Isso incita análises sociológicas sobre como diferentes sociedades e culturas encaram e lidam com as complexidades e incertezas da existência humana. A busca do Pequeno Príncipe por significado e propósito transcende as páginas do livro, estimulando reflexões sobre a busca universal de significado na vida. Essa temática filosófica oferece uma lente para entender como diferentes culturas interpretam e atribuem sentido à existência.

A abordagem do autor à transitoriedade da vida, especialmente através da efemeridade das rosas, levanta questões existenciais. Essa perspectiva convida a análises sociológicas sobre como diferentes sociedades lidam com a impermanência e a efemeridade da vida. A crítica à sociedade adulta e à mentalidade focada em números na obra promove reflexões sobre a relação entre adultos e crianças. Isso possibilita análises sociológicas sobre a dinâmica geracional, os valores transmitidos e a influência da sociedade na formação das gerações mais jovens.

A ética do cuidado representada pelo compromisso do Pequeno Príncipe em cuidar da rosa destaca conceitos filosóficos relacionados à responsabilidade e cuidado ético. Essa dimensão ética convida a análises sociológicas sobre como diferentes sociedades encaram a responsabilidade interpessoal.

3.4 Aulas De Sociologia e o Novo Ensino Médio

O Novo Ensino Médio, implementado no Brasil a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 2017, propõe mudanças significativas na estrutura curricular, visando maior flexibilidade e diversificação no percurso educacional dos estudantes. Uma das mudanças mais significativas é a flexibilização curricular, que permite aos estudantes escolherem itinerários formativos de acordo com seus interesses e aptidões. Na disciplina de sociologia, isso pode resultar em uma abordagem mais personalizada, permitindo que os alunos explorem tópicos que estejam alinhados com suas aspirações e áreas de interesse social.

A responsabilidade desafiadora da escola, e, por conseguinte, do professor, se evidencia na criação de oportunidades através do trabalho com a literatura. Neste contexto, a meta não é apenas formar leitores capazes de compreender a força humanizadora da literatura, mas também capacitar os alunos a criarem as condições ideais para um encontro significativo com a obra literária.

A literatura, além de ser uma fonte inesgotável de conhecimento, desempenha um papel vital na formação ética, cultural e social dos indivíduos. É através das histórias contadas, das narrativas intrincadas e das personagens complexas que os alunos podem vislumbrar diferentes perspectivas e realidades, expandindo assim sua compreensão do mundo. Assumimos, diante de todo o exposto e pelas palavras do crítico literário Antônio Cândido:

A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade.
(CÂNDIDO, 1995 in COSSON, 2009, p.15)

O desafio para os educadores é ir além da simples transmissão de conteúdo literário. É fundamental criar um ambiente propício para que os alunos não apenas consumam, mas também participem ativamente do processo de leitura. A literatura deve ser apresentada não como uma tarefa árida, mas como uma jornada emocionante e enriquecedora.

Ao permitir que os alunos se envolvam emocionalmente com as obras literárias, o

professor contribui para a formação de cidadãos mais empáticos e conscientes. A literatura, quando adequadamente explorada, não apenas aprimora as habilidades de leitura, mas também promove a reflexão crítica, o questionamento e o diálogo construtivo.

Assim, a escola e o professor desempenham um papel crucial na formação de indivíduos capazes de extrair significado e humanidade das obras literárias. A literatura, quando incorporada de maneira eficaz ao processo educacional, não apenas enriquece o repertório intelectual dos alunos, mas também contribui para a construção de uma sociedade mais reflexiva, consciente e humanizada. A Base Nacional Comum Curricular do Brasil reforça a necessidade de uma educação que promova o desenvolvimento integral dos alunos.

Nesse contexto, a literatura infantil é reconhecida como uma ferramenta valiosa. O Novo Ensino Médio incentiva a integração entre disciplinas, buscando uma aprendizagem mais interdisciplinar. Nas aulas de sociologia, isso pode se traduzir em abordagens que conectam conceitos sociológicos com elementos de outras disciplinas, proporcionando aos alunos uma visão mais abrangente das interações sociais. A proposta do Novo Ensino Médio enfatiza a aprendizagem baseada em projetos e pesquisa. Nas aulas de sociologia, isso pode significar uma abordagem mais prática, onde os alunos têm a oportunidade de aplicar conceitos sociológicos em projetos práticos, estimulando o pensamento crítico e a capacidade de pesquisa.

A discussão sobre a flexibilização curricular no novo ensino médio é um tema relevante que impacta diretamente as abordagens pedagógicas. No Brasil, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) propôs mudanças significativas visando uma formação mais ampla e flexível para os estudantes. A flexibilização curricular busca adequar o currículo escolar às necessidades, interesses e realidades dos alunos, proporcionando uma educação mais alinhada com as demandas contemporâneas. No contexto do "O Pequeno Príncipe" como referência sociológica e literária, essa flexibilidade pode ser explorada de diversas maneiras

O novo modelo do Ensino Médio, ao priorizar o desenvolvimento de competências e habilidades em detrimento do conhecimento sistematizado, reflete uma lógica utilitarista da educação, orientada pelas demandas do mercado e não pela formação crítica dos sujeitos. Essa mudança tem afetado diretamente disciplinas como a Sociologia, que passam a ocupar um espaço marginalizado no currículo. Embora o discurso da flexibilização prometa autonomia e liberdade de escolha aos estudantes, o que se observa é uma fragmentação do saber e uma limitação do acesso ao pensamento crítico. A escolha

dos itinerários formativos, longe de representar uma verdadeira emancipação intelectual, reforça desigualdades e reduz a Sociologia a um campo opcional — quando, na verdade, ela é essencial para que o aluno comprehenda as estruturas sociais, as relações de poder e os mecanismos de dominação que moldam a vida em sociedade.

A obra pode ser utilizada como ponto de partida para projetos interdisciplinares, conectando elementos sociológicos, literários e educacionais, promovendo uma visão holística do conhecimento. A flexibilização permite a inclusão de temas atuais e relevantes, como diversidade cultural, relações interpessoais e busca de propósito, presentes no "O Pequeno Príncipe", enriquecendo o debate em sala de aula. Ao flexibilizar as abordagens, os educadores podem incentivar uma leitura mais crítica e reflexiva da obra, relacionando-a a conceitos sociológicos e filosóficos, proporcionando aos alunos uma compreensão mais profunda da sociedade.

A sociologia, por natureza, lida com temas contemporâneos e dinâmicas sociais. Com o Novo Ensino Médio, há uma maior flexibilidade para a inclusão de temas emergentes, como questões de gênero, diversidade cultural, tecnologia e meio ambiente, tornando as aulas mais conectadas com a realidade dos alunos. O Novo Ensino Médio destaca a importância das competências socioemocionais, como empatia, cooperação e resolução de conflitos. Nas aulas de sociologia, essa abordagem pode ser incorporada através de atividades que promovem a compreensão das relações sociais.

3.5 Elementos Do Livro

A obra em questão, contém elementos autobiográficos que se entrelaçam com a vida de Antoine de Saint-Exupéry, proporcionando uma dimensão pessoal à narrativa. A personagem da Rosa na história é frequentemente interpretada como um símbolo da esposa de Saint-Exupéry, Consuelo. A relação complexa entre o Pequeno Príncipe e a Rosa, marcada por amor, desafios e aprendizado, pode refletir aspectos da vida conjugal do autor. O cenário do deserto, onde o Pequeno Príncipe inicia sua jornada, pode ser considerado uma metáfora para o exílio de Saint-Exupéry nos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial. A vastidão do deserto e a solidão do personagem podem ecoar os sentimentos de isolamento e saudade vivenciados pelo autor durante esse período.

O Aviador, que narra a história, pode ser interpretado como uma representação de Saint-Exupéry. Ambos compartilham a profissão de aviador, e a narrativa do Aviador pode refletir as experiências reais do autor na aviação, incluindo seu trabalho no correio

aéreo. A busca contínua do Pequeno Príncipe por significado e identidade pode ser relacionada à própria jornada existencial e filosófica de Saint-Exupéry. O autor, assim como seu personagem, explorou questões fundamentais sobre o propósito da vida e a natureza humana.

A dualidade entre a infância e a maturidade, explorada na obra, pode ser vinculada à própria experiência de Saint-Exupéry, que, como aviador, muitas vezes foi confrontado com os desafios do mundo adulto, mas também manteve uma ligação profunda com a inocência e a simplicidade da infância. O período de exílio de Saint-Exupéry nos Estados Unidos, fugindo da ocupação nazista na França, influenciou diretamente a ambientação no deserto no início da história. O cenário desértico remete à uma metáfora para a solidão e a desorientação que o autor sentiu durante esse período. A vastidão do deserto reflete a sensação de distância de sua terra natal e a busca por um sentido em meio à vastidão e isolamento do exílio.

A figura da Raposa, que ensina ao Pequeno Príncipe sobre a importância da amizade e da solidariedade, dialoga com os valores que Saint-Exupéry valorizava. Durante sua vida, o autor teve uma profunda conexão com a amizade e a camaradagem, especialmente durante sua carreira na aviação. A Raposa, ao ensinar sobre o ato de "domesticar" e a criação de laços, ilustra as experiências sociais e afetivas do autor.

3.6 Contexto Histórico da obra utilizada

"O Pequeno Príncipe" foi escrito por Antoine de Saint-Exupéry durante um período crucial da história mundial, especificamente durante a Segunda Guerra Mundial. Publicado pela primeira vez em 1943, o livro reflete as complexidades e incertezas desse período tumultuado. A Segunda Guerra Mundial desempenhou um papel significativo na vida de Antoine de Saint-Exupéry. Em 1940, após a ocupação da França pelos nazistas, Saint-Exupéry, um aviador e escritor, fugiu para os Estados Unidos, onde começou a trabalhar na obra. A atmosfera de guerra pode ter influenciado a narrativa filosófica e reflexiva do livro.

Saint-Exupéry, antes de se dedicar à escrita, era um piloto de aviação comercial e um pioneiro da aviação. Ele voou em rotas de correio aéreo, enfrentando os perigos do voo noturno sobre o deserto. Essas experiências pessoais, incluindo um acidente de avião no Saara em 1935, inspiraram elementos da narrativa, como o cenário do deserto e os desafios da aviação, representados pelo Aviador na história. Exilado nos Estados Unidos

devido à ocupação nazista na França, escreveu parte da obra enquanto estava no país. Esse exílio e a separação de sua terra natal podem ter contribuído para a temática da solidão e da busca por significado presentes na história.

A forma como as experiências moldam a identidade do Pequeno Príncipe e dos personagens encontrados destaca a universalidade da influência das vivências na construção de quem somos. Essa temática ressoa em análises sociológicas sobre identidade cultural e individual em contextos diversos. A narrativa aborda a relatividade dos valores e da importância atribuída a diferentes elementos da vida. Essa reflexão sobre a relatividade cultural e social das prioridades humanas serve como ponto de partida para discussões sociológicas sobre valores e hierarquias em sociedades diversas.

O livro foi publicado inicialmente em Nova Iorque em 1943 pela editora Reynal & Hitchcock, antes de sua publicação na França após o fim da Segunda Guerra Mundial em 1945. A escolha de publicar primeiro nos Estados Unidos destaca a conexão de Saint-Exupéry com esse país durante seu exílio, é profundamente enraizado no contexto histórico da Segunda Guerra Mundial, refletindo as experiências pessoais e os desafios enfrentados pelo autor durante esse período crítico da história mundial.

A criação de “O Pequeno Príncipe” foi fortemente influenciada pelas experiências pessoais de Antoine de Saint-Exupéry, especialmente sua carreira como aviador e os desafios associados à aviação. Antoine de Saint-Exupéry era um aviador pioneiro e desempenhou um papel fundamental no desenvolvimento da aviação comercial e militar. Sua experiência como piloto de correio aéreo e pioneiro da aviação noturna, que envolvia voos perigosos sobre o deserto, contribuiu diretamente para a construção da narrativa do livro, evidenciada pelo personagem do aviador na história.

Em 1935, Saint-Exupéry sofreu um acidente de avião no Saara enquanto voava para entregar o correio. Essa experiência traumática foi incorporada à obra, refletindo-se no cenário desértico que serve como pano de fundo para a jornada do Pequeno Príncipe e o Aviador. O acidente também pode ter influenciado as reflexões sobre solidão e sobrevivência presentes na história. Durante o exílio nos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial, Saint-Exupéry enfrentou desafios pessoais e a saudade de sua terra natal, a França. Esses sentimentos de exílio e nostalgia pode ser relacionada a influenciado a temática da busca por identidade e pertencimento abordada na obra, especialmente na jornada do Pequeno Príncipe por diferentes planetas.

A aviação, representada pelo personagem do Aviador, e a importância da amizade, simbolizada pela relação entre o Pequeno Príncipe e a Raposa, são temas centrais na obra.

A amizade e a solidariedade são valores que Saint-Exupéry valorizava profundamente, e esses princípios se refletem na história por meio das experiências do Pequeno Príncipe.

"O Pequeno Príncipe" incorpora elementos autobiográficos, refletindo aspectos da vida e das experiências pessoais de Antoine de Saint-Exupéry. A rosa no planeta do Pequeno Príncipe é frequentemente interpretada como uma representação da esposa de Saint-Exupéry, Consuelo. A relação entre o Pequeno Príncipe e a Rosa aborda temas de amor, cuidado e a complexidade das relações humanas, refletindo possíveis sentimentos e reflexões do autor sobre sua própria vida afetiva.

O cenário do deserto, onde o Aviador encontra o Pequeno Príncipe, pode ser associado ao sentimento de solidão e isolamento vivenciado por Saint-Exupéry durante seu exílio nos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial. O deserto pode simbolizar o ambiente emocional e geográfico do autor durante esse período. A narrativa do Aviador, que compartilha suas experiências na aviação com o Pequeno Príncipe, reflete diretamente a própria carreira de Saint-Exupéry como aviador. Os desafios, perigos e a paixão pela aviação são elementos autobiográficos que permeiam a história, proporcionando um olhar íntimo sobre a vida do autor.

A jornada do Pequeno Príncipe por diferentes planetas em busca de significado e identidade pode ser interpretada como uma metáfora para as buscas pessoais e existenciais de Saint-Exupéry. A obra aborda questões profundas sobre a vida, o propósito e a busca incessante por compreensão. A temática da saudade da terra natal, presente na história do Pequeno Príncipe que anseia voltar ao seu asteroide, pode refletir os sentimentos de Saint-Exupéry em relação à França durante seu exílio. Essa saudade e o desejo de retorno são elementos autobiográficos que se entrelaçam com a narrativa. Assim, "O Pequeno Príncipe" não é apenas uma obra de ficção, mas também uma expressão artística profundamente enraizada nas experiências e na vida pessoal do autor, adicionando camadas de significado e autenticidade à narrativa.

3.7 Simbologias e Teorias Sociológicas

A Teoria da Simbologia Sociológica, fundamentada nas ideias de Erving Goffman, propõe uma análise das interações sociais por meio de símbolos e signos presentes nas ações e nas representações simbólicas. Ao aplicar essa teoria a "O Pequeno Príncipe," percebemos uma riqueza de simbolismos que podem ser interpretados sociologicamente, cada personagem que o Pequeno Príncipe encontra em seus diferentes

planetas pode ser visto como um símbolo de tipos específicos de comportamento ou características sociais. O Rei, por exemplo, simboliza o poder e a autoridade, enquanto o Vaidoso pode representar a busca por reconhecimento social.

Cada planeta visitado pelo Pequeno Príncipe pode ser interpretado como um microcosmo social, representando diferentes estruturas e dinâmicas sociais. Essa abordagem simbólica permite uma análise sociológica das normas, valores e interações presentes em cada "sociedade" visitada. A Rosa, objeto de afeto do Pequeno Príncipe, pode ser vista como um símbolo das relações afetivas na sociedade. A complexidade da relação entre o Pequeno Príncipe e a Rosa oferece uma visão sobre temas como amor, cuidado e as dinâmicas emocionais presentes nas relações humanas.

A jornada do Pequeno Príncipe por diferentes planetas e encontros com uma variedade de personagens pode ser interpretada como uma metáfora para as experiências sociais da vida. Cada encontro representa uma faceta diferente da sociedade, permitindo uma análise sociológica das interações e conflitos presentes na jornada humana.

Ao aplicar a Teoria da Simbologia Sociológica de Erving Goffman à obra "O Pequeno Príncipe," desvelamos significados sociais subjacentes por meio de símbolos e representações simbólicas presentes na narrativa. A Raposa, ao ensinar ao Pequeno Príncipe sobre o ato de "domesticar" e criar laços, pode ser interpretada como um símbolo das práticas de socialização na sociedade. A domesticação simboliza a integração social e os rituais que moldam as relações interpessoais.

A Rosa no pequeno planeta do Pequeno Príncipe representa um símbolo da subjetividade e da atribuição de significados. Cada rosa única, apesar de parecer semelhante às outras, é valorizada individualmente pelo Pequeno Príncipe. Isso pode ser interpretado como uma reflexão sociológica sobre como a sociedade atribui significados distintos a elementos aparentemente iguais.

A figura do Rei que ordena o Pequeno Príncipe a realizar tarefas pode ser interpretada como um símbolo do poder institucionalizado na sociedade. Essa dinâmica reflete aspectos da teoria sociológica que examina as estruturas de poder e autoridade presentes em instituições sociais. O próprio Pequeno Príncipe pode ser interpretado como um símbolo do indivíduo na sociedade, navegando por diferentes contextos sociais e aprendendo com suas interações. Isso abre espaço para discussões sociológicas sobre a autonomia, a identidade e a adaptação do indivíduo em ambientes sociais diversos.

A Teoria das Interações Simbólicas, desenvolvida principalmente por Herbert Blumer, oferece uma perspectiva sociológica valiosa para analisar a dinâmica social

presente no "O Pequeno Príncipe". Essa teoria foca na compreensão dos processos sociais através da interpretação de símbolos e significados atribuídos pelos indivíduos nas interações. A teoria das interações simbólicas permite uma análise profunda dos símbolos presentes no "O Pequeno Príncipe".

A rosa, a raposa, o asteroide e outros elementos simbólicos tornam-se ferramentas para compreender as interações entre personagens e as representações de significados. A obra aborda a construção de diferentes realidades sociais pelos personagens, destacando como suas interpretações simbólicas moldam suas experiências e relações. A rosa, por exemplo, representa mais do que uma flor; ela é um símbolo carregado de significados emocionais a ela atribuída.

A teoria das interações simbólicas enfatiza a negociação constante de significados entre os indivíduos. Isso é evidente nas interações do Pequeno Príncipe com outros personagens, como a raposa, onde a construção de um vínculo simbólico é crucial, é possível contextualizar as interações simbólicas na obra com aspectos históricos e sociais. O autor, Antoine de Saint-Exupéry, viveu durante períodos de guerra e transformações sociais, influenciando as camadas simbólicas presentes na narrativa.

A Teoria da Modernização de Émile Durkheim à obra "O Pequeno Príncipe," é possível explorar as mudanças sociais, normas e valores representados nos diferentes planetas visitados pelo personagem principal. Cada planeta visitado pelo Pequeno Príncipe pode ser interpretado como um microcosmo social que reflete estágios diferentes de desenvolvimento social. Durkheim argumentava que a modernização envolve a transição de sociedades tradicionais para sociedades mais complexas. Assim, ao analisar cada planetário, podemos identificar características e normas associadas a diferentes estágios de modernização explicita no decorrer da obra.

A diversidade cultural representada nos planetas oferece uma lente durkheimiana para examinar a coexistência de diferentes formas de vida e organização social. A teoria de Durkheim enfatiza a interconexão entre diversidade cultural e modernização, permitindo uma análise sociológica das dinâmicas culturais representadas na obra. A teoria de Durkheim destaca a mudança da solidariedade mecânica, característica de sociedades tradicionais, para a solidariedade orgânica, característica das sociedades modernas. Ao observar as interações entre o Pequeno Príncipe e os habitantes dos planetas, é possível identificar elementos que refletem a transição de formas mais simples de solidariedade para formas mais complexas e especializadas.

Cada planetário apresenta normas e valores específicos, proporcionando uma

oportunidade para explorar como as sociedades se organizam e estabelecem suas próprias regras. A análise durkheimiana enfocaria como essas normas refletem a coesão social e como evoluem à medida que as sociedades progredem em termos de modernização. Durkheim destacava a importância da integração social na evolução das sociedades. Os encontros do Pequeno Príncipe com diferentes personagens em cada planetário oferecem um terreno fértil para examinar como a integração social é facilitada ou desafiada, conforme representado na obra.

Teoria do Conflito de Karl Marx à obra "O Pequeno Príncipe," é possível explorar as dinâmicas de poder, desigualdade e críticas à sociedade adulta presentes na narrativa. Os personagens que o Pequeno Príncipe encontra em sua jornada podem ser interpretados como representações simbólicas de diferentes classes sociais. A distinção entre o Rei e o Vaidoso, por exemplo, pode ser analisada à luz das relações de classe e das disparidades de poder, conforme proposto por Marx. A relação entre o Rei e seus súditos, onde o monarca acumula poder e emite comandos, reflete elementos da teoria marxista sobre a concentração de poder nas mãos de uma elite. A crítica à desigualdade social pode ser observada nessa dinâmica, abrindo espaço para uma análise sociológica das estruturas de classe.

A jornada do Pequeno Príncipe por diferentes planetas pode ser interpretada como uma busca por compreender as estruturas sociais existentes. As críticas e questionamentos do personagem em relação às normas estabelecidas refletem a perspectiva de Marx sobre a necessidade de questionar e desafiar as estruturas sociais dominantes. A crítica à sociedade adulta, evidenciada nas interações do Pequeno Príncipe com personagens como o Rei e o Acendedor de Lampiões, pode ser conectada à teoria marxista do trabalho alienado. A alienação do trabalho e a falta de sentido na execução de tarefas cotidianas são temas presentes na obra que podem ser explorados sob a perspectiva de Marx. Elementos como a Rosa e a questão da propriedade privada podem ser analisados à luz da teoria marxista sobre a propriedade e o capital. A relação do Pequeno Príncipe com sua Rosa pode ser vista como uma crítica à mercantilização das relações e à ideia de posse como um fator de alienação.

A Teoria da Identidade Social de Henri Tajfel à obra "O Pequeno Príncipe," é possível explorar a forma como os personagens constroem suas identidades sociais em relação aos grupos a que pertencem. A Teoria da Identidade Social destaca a tendência humana para categorizar a si mesmo e aos outros em grupos sociais. Os habitantes dos planetários podem ser vistos como representantes de diferentes grupos sociais, e as

interações do Pequeno Príncipe com eles podem ser interpretadas como experiências de categorização social. A teoria de Tajfel explora como as pessoas buscam uma identidade social positiva, muitas vezes por meio da distinção entre "nós" e "eles". A dinâmica de pertencimento e exclusão presente nas interações do Pequeno Príncipe com os habitantes dos planetários permite uma análise sociológica das estratégias de construção de identidade e das fronteiras sociais.

Tajfel argumenta que a identidade social está intrinsecamente ligada à comparação social e à busca por uma imagem positiva do próprio grupo. As tensões e conflitos que o Pequeno Príncipe enfrenta ao interagir com diferentes habitantes dos planetas oferecem uma narrativa rica para examinar as dinâmicas de identidade e autoestima. A busca do Pequeno Príncipe por entender quem ele é e o significado de sua existência pode ser analisada através da perspectiva de Tajfel. A interação com diferentes personagens e a reflexão sobre sua própria identidade contribuem para a construção de uma compreensão mais profunda de si mesmo em relação aos outros.

A categorização social e suas consequências nas relações sociais podem ser observadas nas interações do Pequeno Príncipe com personagens como o Rei e o Vaidoso. As análises sociológicas dessas interações sob a Teoria da Identidade Social podem revelar como as categorias sociais influenciam o comportamento e as percepções na sociedade adulta representada na obra. A Teoria da Modernidade Líquida de Zygmunt Bauman à obra "O Pequeno Príncipe," é possível explorar as características fluidas e efêmeras das relações humanas e sociais representadas na narrativa. A modernidade líquida, conforme proposta por Bauman, destaca a natureza volátil e transitória das relações sociais. Os encontros do Pequeno Príncipe com diferentes personagens em cada planetário refletem essa efemeridade, onde as conexões são breves e sujeitas a mudanças rápidas.

Bauman argumenta que a modernidade líquida é caracterizada por desafios na comunicação e na formação de laços duradouros. A dificuldade do Pequeno Príncipe em se comunicar efetivamente com os habitantes dos planetas e estabelecer relações duradouras pode ser interpretada como uma representação das complexidades da comunicação na sociedade contemporânea. A teoria de Bauman destaca a tendência à individualização na modernidade, onde as relações são mais fragmentadas. A solidão do Pequeno Príncipe em sua jornada, apesar de interações breves, pode ser analisada como uma representação da solidão inerente à individualização das relações sociais.

Os diferentes planetários visitados pelo Pequeno Príncipe podem ser vistos como

microcosmos sociais onde as estruturas são fluidas e sujeitas a mudanças rápidas. Essa interpretação alinha-se com a ideia de Bauman sobre a fluidez das estruturas sociais na modernidade, onde normas e valores são menos estáveis. Bauman aborda a ideia de riscos líquidos na modernidade, e a advertência sobre os Baobás na narrativa pode ser interpretada como uma metáfora para os riscos sociais emergentes.

Essa análise sociológica sob a perspectiva de Bauman permite explorar como a sociedade do Pequeno Príncipe lida com ameaças imprevisíveis e em constante mudança. Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici à obra "O Pequeno Príncipe," é possível explorar como os personagens e elementos simbólicos na narrativa contribuem para a construção de representações sociais compartilhadas.

A teoria de Moscovici destaca a forma como as representações sociais são construídas e compartilhadas entre membros de uma sociedade. Cada planetário visitado pelo Pequeno Príncipe representa uma arena onde as representações sociais são moldadas pelas interações e pela percepção coletiva.

A Raposa, ao ensinar o Pequeno Príncipe sobre a importância da domesticação e do vínculo afetivo, pode ser interpretada como um agente de formação de representações sociais. Suas lições sobre a criação de laços contribuem para a construção de uma representação social positiva das relações afetivas na obra.

A presença recorrente das Rosas, especialmente a Rosa do Pequeno Príncipe, contribui para a construção de uma representação social compartilhada sobre o significado do amor e do cuidado. As diferentes perspectivas dos personagens sobre as Rosas oferecem uma variedade de representações sociais em torno desse símbolo. Moscovici destaca a tendência humana para categorizar e atribuir significados a elementos sociais.

A diversidade de personagens que o Pequeno Príncipe encontra em sua jornada ilustra como categorias sociais são formadas e como diferentes grupos contribuem para a construção de representações sociais distintas. A busca do Pequeno Príncipe por significado e identidade, ao longo de sua jornada, pode ser analisada sob a ótica das representações sociais. A negociação de significados com os habitantes dos planetas contribui para a construção de uma representação social mais rica e complexa sobre a natureza humana e suas relações.

4 METODOLOGIA

Para implementar essa intervenção, foi realizada uma pesquisa qualitativa em duas etapas. Na primeira etapa, foi conduzida uma pesquisa e sondagem com o intuito de avaliar o nível de conhecimento dos estudantes por questões sociológicas, sobre a obra e seu interesse por leitura. Isso forneceu informações sobre as lacunas existentes e as necessidades específicas dos estudantes em relação aos conceitos de sociologia.

Na segunda etapa, foi realizada a intervenção propriamente dita, onde os conceitos a serem abordados foram apresentados aos alunos e discutidos em rodas de conversa com o intuito de estimular a interação dos alunos fazendo com que os mesmos participassem de forma ativa compartilhando suas reflexões com demais. Dolz, Pietro e Schneuwly (2004) argumentam que o debate envolve habilidades fundamentais, como retomada do discurso, capacidade crítica, respeito à opinião alheia e formação da identidade.

O debate coloca assim em jogo capacidades fundamentais, tanto do ponto de vista linguístico (técnicas de retomada do discurso do outro, marcas de refutação etc.), cognitivo (capacidade crítica) e social (escuta e respeito pelo outro), como do ponto de vista individual (capacidade de se situar, de tomar posição, construção de identidade)” (Dolz, Pietro e Schneuwly, 2004, p. 248-249).

Durante encontros semanais e ao longo da leitura e discussão do material literário que serviu roteiro para se chegar nas discussões sociológicas que em outrora foram traçadas. Estimasse que a intervenção ocorra em 4 encontros, cada encontro desses possuem duas aulas somando um total de 8 aulas diluída em 4 dias. Durante essas sessões, foram aplicadas estratégias de ensino que visaram facilitar a compreensão e a aplicação dos conceitos de sociologia, levando em consideração as necessidades identificadas na etapa de pesquisa, vale ressaltar que todo esse processo foi mediado pelo aplicador (professor responsável pela aplicação).

A mediação durante o debate é destacada como essencial para garantir o andamento ordenado da atividade. A mediação é importante “para que aconteça a abertura do debate, as trocas de turno, a introdução do ponto de divergência que vai alimentar toda a discussão, o gerenciamento da palavra e o fechamento das trocas, ou seja, a síntese de toda a discussão” (Dolz, Pietro e Schneuwly, 2004).

Essa abordagem permitiu que os professores ajustem seu ensino de acordo com as demandas e dificuldades específicas dos alunos, fornecendo um suporte mais efetivo e promovendo uma melhor compreensão dos conceitos sociológicos que foram trabalhados. Além disso, a intervenção esteve alinhada com as diretrizes curriculares atuais, garantindo a relevância e a atualidade do conteúdo abordado.

Vale ressaltar que a obra em específico possui diversos temas que em outrora foram citados, desse modo, coube ao aplicador escolher os temas compatíveis com o grau de compreensão dos alunos, sempre buscando temas próximos de sua realidade, isso fez com que o aplicador acabasse evitando bloqueios ou constrangimentos que por ventura poderiam dificultar a participação dos estudantes e aplicação desta intervenção.

Essa intervenção pedagógica aqui citada se deu por meio de uma sequência didática e não apenas visa auxiliar os professores de Sociologia, mas também buscou promover uma educação mais contextualizada e significativa para os estudantes, incentivando assim o pensamento crítico e reflexivo dos estudantes, além de estimular o hábito da leitura.

Essa sequência didática dividiu-se em 6 partes a saber: I. Pesquisa; II. Seleção de amostra; III. Encontros pontuais; IV. Diálogo com autores contemporâneos da Sociologia; V. Atividades complementares; VI. Acompanhamento e avaliação.

I. Primeira etapa: Pesquisa Bibliográfica

O objetivo foi levantar material bibliográfico para observar as relações estabelecidas entre os autores escolhidos com o objetivo do trabalho proposto.

II. Segunda etapa: Seleção da amostra

Foram selecionados os estudantes do ensino médio do EREM Santos Cosme e Damião, localizado na área central do município de Igarassu.

III. Terceira etapa: Encontros pontuais

Foram realizados encontros pontuais, na biblioteca da escola, onde foram promovidas leituras e discussões do livro "O Pequeno Príncipe" sob uma abordagem sociológica. Esses encontros foram conduzidos por professores de Sociologia, contando também com a participação da equipe da biblioteca para fornecer auxílio caso seja necessário.

A análise iniciou-se com a leitura atenta do conteúdo fornecido, que consiste em informações sobre o livro "O Pequeno Príncipe" e discussões relacionadas a seu

uso como referência para temas sociológicos, literários e educacionais. O entendimento profundo desses elementos foi fundamental para a construção de textos coesos e informativos. Durante os encontros, foram identificados vários tópicos de relevância, como a universalidade das relações humanas, a crítica à sociedade, a diversidade cultural, entre outros. Além disso, discutiu-se aspectos relacionados ao novo ensino médio, contextualização histórica da obra, influências pessoais do autor e teorias sociológicas e filosóficas pertinentes.

IV. Quarta etapa: Diálogo com autores

Durante os encontros, foram realizadas discussões sobre os temas abordados no livro, relacionando-os com autores clássicos e contemporâneos da área sociológica. Essa abordagem permitiu uma ampliação do debate e uma conexão entre a obra literária e os conceitos sociológicos já preexistentes

V. Quinta etapa: Atividades complementares

Além das discussões em sala de aula, foram propostas atividades complementares que estimularam a reflexão dos estudantes sobre os temas abordados no livro. Isso incluiu pesquisas individuais e/ou em grupo, produção de textos, produção de telas, entre outras formas de expressão.

VI. Sexta etapa: Acompanhamento e avaliação

Foi realizado um acompanhamento sistemático do processo de intervenção, registrando observações, anotações e feedback dos estudantes. Além disso, ao final da pesquisa/intervenção, foi aplicada uma autoavaliação para medir o impacto da abordagem sociológica por meio da obra literária na compreensão e no interesse dos estudantes pela Sociologia. Essa metodologia permitiu uma imersão dos estudantes na temática sociológica, promovendo um diálogo entre a literatura e a sociologia, e incentivando o desenvolvimento de habilidades críticas e reflexivas.

A metodologia adotada para a análise sociológica de "O Pequeno Príncipe" baseou-se na exploração de temas transversais da obra. A abordagem iniciada com a compreensão da universalidade das relações humanas, destacando como as experiências emocionais, são elementos compartilhados em diferentes contextos socioculturais.

Para a construção dessa metodologia foi utilizada a pesquisa-ação. Diferentemente de abordagens que mantêm uma distância entre o pesquisador e o campo de estudo, essa metodologia favorece uma atuação colaborativa, na qual o pesquisador e o objeto de estudo envolvem-se em um processo contínuo de reflexão e ação para a

transformação da realidade investigada.

Sob uma perspectiva sociológica, a pesquisa-ação reconhece os sujeitos como agentes sociais capazes de analisar e intervir em seu próprio contexto. Dessa forma, assume um caráter essencialmente crítico, na medida em que busca não somente interpretar os fenômenos educacionais, mas também promover mudanças concretas a partir do engajamento dos atores envolvidos. No âmbito pedagógico, tal característica valoriza os saberes docentes e discentes, incentivando a autonomia e a participação coletiva no aprimoramento das práticas educativas.

Diante dessas premissas, a escolha dessa metodologia justifica-se por seu potencial em unir teoria e prática de modo contextualizado, promovendo intervenções significativas que respondem às demandas reais do cotidiano escolar e que contribuem para a formação e a emancipação de todos os envolvidos no processo.

Durante as intervenções, foram identificados e delimitados diversos tópicos e temas relevantes para a discussão, ampliando a compreensão do papel do livro "O Pequeno Príncipe" em diferentes contextos.

5. RESULTADOS E DISCURSÃO

5.1 Aula 1

O primeiro encontro da sequência didática teve início numa manhã tranquila e ensolarada, na Escola de Referência em Ensino Médio Santos Cosme e Damião (EREM), situada no coração histórico da cidade de Igarassu, Pernambuco. Fundada em 1948, a escola carrega consigo uma longa trajetória de contribuição para a educação pública e, ao longo das décadas, passou por diversas reformulações. Em 2020, tornou-se oficialmente uma EREM semi-integral, funcionando nos turnos da manhã e tarde, além de atender turmas da EJA no período noturno.

Atualmente, a escola é a maior em número de alunos e servidores da GRE Metropolitana Norte, com um total de 92 servidores, entre docentes e funcionários administrativos. A equipe gestora é composta exclusivamente por mulheres, o que fortalece a representatividade feminina nos espaços de liderança escolar. A EREM Santos Cosme e Damião está localizada entre o Ginásio Jota Raposo e o Fórum de Igarassu, em uma área central e de fácil acesso, próxima ao comércio local. A estrutura física da escola é preservada, embora precise de ajustes na ventilação das salas. Recentemente foram

feitos reparos hidráulicos e está em andamento a construção de uma subestação para modernização da rede elétrica e instalação de ar-condicionado. A escola participa ativamente do desfile cívico municipal e tem se destacado nos Jogos Escolares da rede estadual (JEPS), especialmente nas modalidades vôlei e futsal, com títulos nos anos de 2021, 2022 e 2023.

A intervenção foi realizada na Biblioteca Professor Roberto Magalhães, reinaugurada em 06 de maio de 2011. Este espaço, símbolo do compromisso com a formação crítica e cidadã, é um dos mais acolhedores da instituição. A biblioteca dispõe de mais de 5.000 livros catalogados, abrangendo todas as áreas do conhecimento, sendo referência como centro de pesquisa e leitura. Seu ambiente é climatizado e possui formato retangular, com livros organizados em prateleiras móveis, que facilitam o acesso e a flexibilidade do espaço. Conta com três computadores para pesquisa, conexão Wi-Fi, TV Smart e circuito interno de câmeras de segurança, garantindo conforto e segurança aos usuários. As mesas são retangulares e arredondadas, todas com cadeiras, o que favorece o trabalho em grupo e o estudo individual. O ambiente possui grandes janelas laterais e frontais, cobertas por persianas verticais creme, que permitem controlar a luminosidade e contribuem para um ambiente visualmente agradável e aconchegante.

Ao adentrarem o espaço, os estudantes do 1º ano do Ensino Médio demonstravam um misto de curiosidade e expectativa diante do que estava por vir. A pesquisa foi direcionada a essa turma justamente pelo fato de eles não terem mais acesso às aulas de Sociologia, em virtude das mudanças impostas pela reforma do Ensino Médio. Como mencionado outrora, a disciplina passou a ser ofertada apenas no 2º ano, restringindo o contato dos alunos com o pensamento sociológico em um momento fundamental de sua formação intelectual e cidadã. Assim, a realização da pesquisa teve como propósito promover uma reflexão crítica e suprir, ainda que parcialmente, essa lacuna, proporcionando aos estudantes a oportunidade de desenvolver uma visão mais ampla, questionadora e consciente acerca da sociedade em que vivem.

Enquanto se acomodavam, muitos trocavam olhares e comentários discretos sobre o que esperavam daquela que chamavam, com curiosidade e entusiasmo, de “aula diferente”. Desde o início, a professora titular de Sociologia, com postura acolhedora e empática, apresentou o aplicador da intervenção, contextualizando brevemente os objetivos da sequência didática. Demonstrando sensibilidade e parceria, optou por sentar-se entre os alunos, participando ativamente das atividades como uma integrante do grupo. Essa atitude contribuiu para a criação de um ambiente horizontal, marcado pelo respeito,

pela escuta atenta e pela construção coletiva do saber — princípios essenciais à prática sociológica em sala de aula.

O objetivo principal desse primeiro encontro foi despertar uma reflexão crítica sobre a infância como construção social e cultural. A proposta buscava mostrar como, ao longo da história, a sociedade moldou e limitou a imaginação, a criatividade e a liberdade de expressão das crianças e adolescentes. Além do conhecimento técnico-científico, a atividade visava estimular nos alunos um olhar ético, sensível e mais humano sobre si mesmos, sobre os outros e sobre o mundo que os cerca.

A aula foi iniciada com uma leitura compartilhada dos primeiros capítulos da obra “O Pequeno Príncipe”, realizada de maneira pausada e reflexiva. Alguns estudantes demonstraram timidez ao ler em voz alta, mas com o decorrer da atividade, foram se soltando. Outros, mais confiantes, buscaram conectar o conteúdo da narrativa com suas próprias vivências. Isso foi aprofundado na roda de conversa com a provocação “Como o mundo vê nossas ideias?”, onde os estudantes compartilharam experiências pessoais, algumas marcadas pela alegria da infância, outras por momentos difíceis, em que se sentiram reprimidos pelas expectativas impostas por familiares, educadores ou pela sociedade em geral.

Na parte final da aula, foi proposta uma atividade prática e simbólica: a confecção coletiva de quadros baseados na narrativa lida. Com a disponibilização de telas médias, tintas guache e pincéis, os estudantes inicialmente demonstraram receio, temendo não ter habilidade para pintura. Contudo, com o apoio constante da professora e do aplicador, a insegurança logo deu lugar à criatividade. O ambiente se transformou em um verdadeiro ateliê coletivo. Os primeiros traços surgiram com lápis simples e, gradativamente, foram tomando forma com a pintura do pequeno príncipe e do carneiro, elementos centrais da obra.



Figura 1 Produção artística coletiva: estudantes transformam reflexões em arte. Autoria: Klever Alberto, 2024.

Alguns alunos, ainda tímidos em expor suas aptidões artísticas, optaram por realizar os desenhos em seus cadernos, o que foi respeitado como forma legítima de participação. O aplicador, pessoa responsável pela aplicação, circulava entre os grupos com um sorriso constante e palavras encorajadoras, lançando provocações sutis que mantinham o foco sociológico da proposta: “O que esse desenho diz sobre o que vocês acreditam?”, “Onde acontece o primeiro processo de socialização do indivíduo?” ou “Será que o carneiro representa apenas um animal?”.

O aplicador observou atentamente a participação dos estudantes, destacando o envolvimento crescente, o respeito mútuo e a cooperação espontânea. O trabalho em equipe destacou-se como um dos pontos altos da aula, revelando o quanto os alunos se sentem mais seguros e criativos quando inseridos em um ambiente acolhedor, colaborativo e livre de julgamentos.

Ao unir arte, literatura e Sociologia em um espaço pedagógico simbólico e bem estruturado como a biblioteca da escola, este primeiro encontro foi além de uma simples intervenção. Tornou-se um momento potente de formação crítica e sensível, revelando o potencial transformador da educação quando se aposta no diálogo, na escuta ativa e na confiança no processo coletivo de construção do conhecimento.

5.2 Aula 2

No segundo encontro o aplicador chegou mais cedo do que o habitual, carregando não apenas os materiais da aula, mas também o entusiasmo provocado pelo envolvimento dos alunos no primeiro dia. A experiência anterior deixara marcas, nos cadernos, nas conversas e nos olhos atentos dos estudantes. Havia agora uma atmosfera de expectativa no ar, como se o invisível (justamente o tema do dia) já estivesse agindo de forma silenciosa e profunda.

Antes mesmo que os primeiros alunos chegassem, o aplicador foi recebido na biblioteca pela responsável pelo espaço, com quem trocou algumas palavras que, sem saber, dariam ainda mais sentido ao encontro que estava por vir. Em tom sossegado e como uma forma de desabafo, ela revelou uma realidade difícil de ignorar: embora a biblioteca da escola ofereça uma estrutura admirável, a presença dos estudantes ali ainda é tímida.

“A biblioteca está sempre aberta, mas muitos não entram. É como se ela não

existisse”, disse, com uma inocência misturada à resignação. Contou ainda que a escola oferece carteirinhas para empréstimo de livros, mas a adesão continua baixa. “Eles passam na frente, conversam no corredor, mas raramente entram. Às vezes me pergunto se já não desaprenderam a escutar o silêncio dos livros. São poucos que passam aqui!”

Essas palavras ecoaram no aplicador como um prefácio não planejado da aula que viria. Afinal, o tema do dia era justamente aquilo que não se vê, mas se sente: os vínculos, os afetos, os sentidos que habitam a experiência humana. A frase “O essencial é invisível aos olhos” foi projetada na TV assim que os alunos começaram a chegar — e, diferente da primeira vez, eles entraram rindo, se cumprimentando, com uma leveza que dizia muito sobre o vínculo já em construção com a proposta pedagógica.

Quando leram a frase na tela, o riso se dissolveu em silêncio. Era como se aquela pequena sentença tivesse suspendido o tempo. E, de fato, suspendeu.

Sem saber da conversa anterior entre o aplicador e a bibliotecária, os estudantes ali, sentados no espaço tantas vezes ignorado, foram convidados a enxergar o que não se vê: os laços, os gestos, os afetos, os vazios e os encontros que marcam nossa existência.

A aula partiu da leitura dos capítulos 5 a 8 de *O Pequeno Príncipe*, e seguiu costurando, com delicadeza, reflexões sobre como os vínculos humanos são construídos, valorizados (ou negligenciados) nos diferentes contextos sociais. Ao lado disso, foram introduzidos conceitos sociológicos como a ação afetiva de Max Weber, que reconhece a importância das emoções nas escolhas humanas, e a modernidade líquida de Zygmunt Bauman, onde tudo escorre por entre os dedos, inclusive os sentimentos.

A participação dos alunos foi surpreendente. Muitos liam com firmeza. Outros, com cuidado, sublinhavam palavras, anotavam trechos, murmuravam pensamentos. O aplicador percebeu que a leitura já não era um incômodo, mas um lugar de encontro ou quem sabe até de reencontro. Talvez, pensou ele, o “Clube da Leitura” — disciplina eletiva existente na escola e pouco valorizada pelos estudantes — tivesse desempenhado um papel silencioso nessa aproximação com os livros. Mas havia algo além: havia escuta.

Uma aluna, descrita pela professora como bastante reservada, no momento da roda de conversas tomou a palavra espontaneamente. Com os olhos marejados, disse que nunca havia parado para refletir sobre o valor dos vínculos afetivos em sua vida. “A gente vive tão correndo, né? Nem percebe o quanto precisa de um abraço, de um olhar.” Sua fala foi seguida por um longo silêncio. Não um silêncio constrangedor, mas um daqueles silêncios que acolhem.

Outros alunos foram se encorajando. Compartilharam lembranças, dores,

pequenas alegrias que jamais imaginaram trazer para dentro da sala de aula. Outro estudante relatou sobre a relação com o avô e como, depois de uma conversa sincera, passou a enxergar o afeto com outros olhos. Outra estudante mostrou um trecho que havia anotado: “Se tu vens, por exemplo, às quatro da tarde, desde as três eu começarei a ser feliz.” A frase ecoou no tom de sua voz e virou motivo de debate entre os alunos.

O espaço da biblioteca, tantas vezes negligenciado, foi se enchendo de sentido. As mesas antes vazias agora estavam ocupadas por cadernos, telas a serem pintadas, olhares atentos, vozes entrelaçadas e uma curiosidade aguçada que era alimentada na medida que a leitura avançava. O aplicador, em meio à cena, observava sem intervir em excesso o nascimento de uma experiência coletiva genuína de escuta e expressão.



Figura 2 Estudantes resinificam personagens clássicos através de suas próprias experiências. Autoria: Klever Alberto, 2024.

Ao final da aula, ao olhar ao redor, ele percebeu algo que talvez não estivesse no plano inicial da intervenção: a biblioteca deixara de ser invisível. Por algumas horas, ela se tornou abrigo, ponte, território de descoberta e afeto. Talvez, pensou ele, o essencial não esteja apenas invisível ele esteja esperando ser reencontrado.

5.3 Aula 3

Os alunos imergirão em uma análise sociológica dos personagens encontrados

pelo Pequeno Príncipe ao longo de suas viagens, tais como o rei, o vaidoso, o bêbado, o homem de negócios e o acendedor de lampiões. Cada um desses personagens representa um tipo social e uma crítica simbólica a comportamentos recorrentes em nossa sociedade. O objetivo principal foi compreender como o poder, o prestígio, o trabalho alienado e a vaidade operam como mecanismos sociais que moldam valores, comportamentos e relações humanas.



Figura 3 Mediação pedagógica em ação: o aplicador (em primeiro plano) conduz diálogos entre a obra literária e referenciais teóricos, enquanto os estudantes traduzem essas reflexões em criações artísticas coletivas. Autoria: Klever Alberto, 2024.

Foram trabalhadas as ideias de Karl Marx sobre alienação e fetichismo da mercadoria, isso fez como que ficasse em evidencia como o trabalho e o consumo podem se tornar fins em si mesmos, desconectados da realização pessoal e coletiva. As contribuições de Max Weber também foram necessárias, sobretudo no que diz respeito aos tipos ideais de dominação e à racionalização das ações sociais. O conceito de capital simbólico de Pierre Bourdieu também foi explorado e isso fez com que os alunos compreendessem como o reconhecimento e a aparência exercem poder nas dinâmicas sociais.

A proposta visou estimular uma postura crítica diante da sociedade contemporânea, em especial quanto à valorização do acúmulo, da visibilidade e da obediência automática às normas. O trabalho com os estudantes buscou desenvolver uma escuta sensível, uma análise crítica e uma expressão argumentativa por meio de atividades que estimularam a criatividade, a observação e o diálogo.

Sob esse prisma, a turma mostrou uma postura mais crítica e analítica. Ao discutirem os personagens do livro, foi notável como eles conectavam os tipos sociais

apresentados com figuras atuais e experiências próximas. Houve debates instigantes, especialmente quando se falou de poder e desigualdade. Ao tocar nesse tema, os estudantes trouxeram histórias de suas comunidades e famílias, relacionando os conceitos discutidos ao cotidiano deles de forma espontânea.

Durante as atividades propostas nessa intervenção, foi possível perceber como os alunos discutiam com entusiasmo, ao tentar buscar um símbolo visual que representasse melhor as reflexões sobre poder e alienação. Um debate caloroso entre a representação da coroa e do dinheiro (representações estas escolhidas pelos estudantes) fez com que percebessem de forma concreta as abstrações discutidas anteriormente. A interação nesse momento foi extremamente rica, expressiva e necessária.



Figura 4 Estudantes reinterpretam Saint-Exupéry através de suas próprias narrativas visuais. Autoria: Klever Alberto, 2024.

5.4 Aula 4

O quarto encontro da sequência didática foi marcado por uma atmosfera mais introspectiva e contemplativa. Desde os primeiros minutos, parecia diferente. Havia uma quietude não de desinteresse, mas de atenção. Os alunos chegavam com os olhos mais atentos, como se soubessem que ali haveria algo a ser tocado, mas ainda não sabiam exatamente o quê.

A proposta da aula girava em torno de uma provocação essencial: a rotina que vivemos nos pertence ou apenas a repetimos? Com base na leitura dos capítulos 14 a 18 de *O Pequeno Príncipe*, os estudantes foram convidados a refletir sobre a lógica da repetição, da produtividade, e o apagamento do sentir em uma sociedade cada vez mais acelerada e técnica.

A figura do geógrafo que conhece tudo, mas nunca vê com os próprios olhos foi usada como metáfora para discutir um modelo de conhecimento que acumula dados, mas se desconecta da experiência. Quantas vezes, dentro da escola, os alunos são levados a decorar informações que pouco dizem sobre eles ou sobre o mundo que vivem? Essa pergunta atravessou a roda de conversa como um sussurro incômodo.

O aplicador conduziu o diálogo trazendo autores como Max Weber, ao abordar os conceitos de racionalização, burocracia e desencantamento do mundo, e Anthony Giddens, cuja leitura crítica sobre a modernidade iluminou as discussões sobre tempo vivido e identidade. Os conceitos não foram apresentados como verdades prontas, mas como formas de olhar para o cotidiano com mais profundidade.

Durante a atividade de leitura, muitos alunos se mostraram pensativos. A leitura era interrompida por pequenas pausas onde o interventor sempre mesclava conceitos sociais e exemplos práticos. A discussão sobre rotinas automáticas tocou em pontos sensíveis, isso foi notório. Um estudante comentou que, antes da aula, nunca havia notado o caminho que faz até a escola: “É como se eu viesse no piloto automático”, disse, em um tom mais de espanto do que de lamento.

Foi posto aos estudantes uma dinâmica aparentemente simples: criar coletivamente uma nuvem de palavras sobre suas rotinas usando o Mentimeter⁵ em um tablet. As primeiras contribuições surgiram de forma orgânica: “pressa”, “repete”, “sono”, “mesmo caminho”, “desligado” pintando um retrato preciso do cotidiano acelerado que compartilhavam. As expressões se acumulavam na tela do tablet que era espelhado na TV, mostrando padrões de cansaço e automatismo, até que uma frase inesperada apareceu: “desconheço mim mesmo”.

⁵ Mentimeter é uma ferramenta interativa de apresentação e engajamento em tempo real, amplamente usada em contextos educacionais, corporativos e eventos.

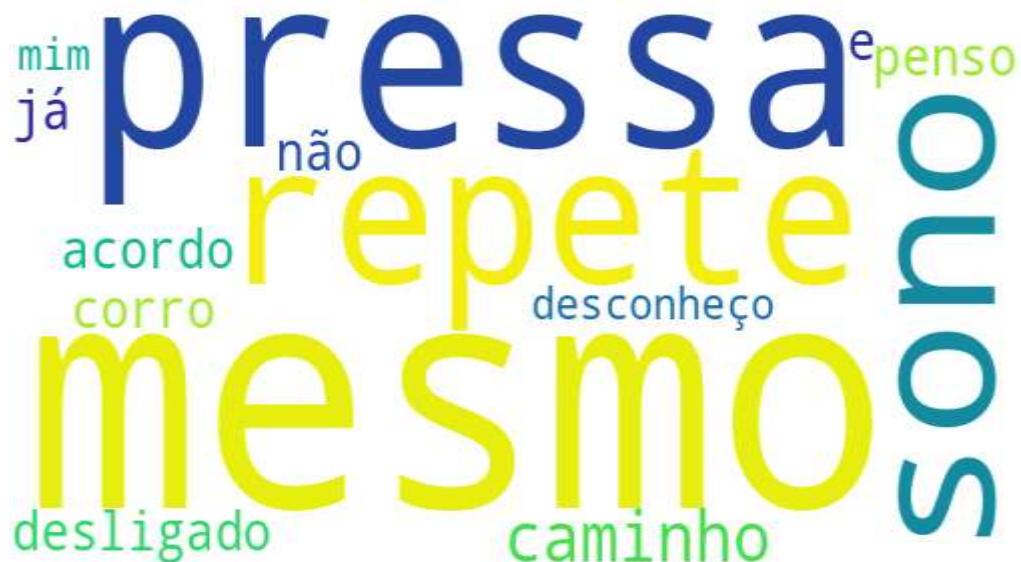


Figura 5 Nuvem de palavras construída coletivamente pelos estudantes via Mentimeter: representação visual das inquietações e padrões de suas rotinas diárias. Autoria: Klever Alberto, 2024.

A sala silenciou por alguns instantes. Aquelas três palavras, jogadas no meio de dezenas de outras, pareciam conter uma verdade que muitos reconheceram imediatamente. A atividade, que começara como um exercício lúdico de compartilhamento, transformou-se num momento involuntário de autorreconhecimento. Através da tela do tablet, não apenas mapeamos rotinas, mas testemunhamos o desabrochar de uma inquietação existencial que normalmente permanece calada no corre-corre diário.

A tecnologia serviu aqui como mediadora de um processo profundamente humano. O anonimato do aplicativo permitiu que verdades íntimas viessem à tona, enquanto o formato visual da nuvem de palavras revelou, de forma cristalina, os paradoxos daquela geração: a hiperconexão que leva ao desenraizamento de si mesmo, a agitação constante que mascara a ausência de sentido. No final, o que parecia ser apenas uma atividade pedagógica tornou-se um espelho inesperado e os estudantes, ao se verem refletidos nele, encontraram espaço para uma rara pausa reflexiva em meio à pressa do dia a dia.

Essa nuvem, construída coletivamente, revelou um dado poderoso: mesmo dentro da repetição, há espaço para o sentir, e é por ele que a Sociologia deve começar. O aplicador observou com atenção o cuidado com que os alunos se escutavam. Não havia interrupções, risadas desconfortáveis ou desatenção. Havia escuta ativa, olhares que esperavam a vez de falar, e também silêncios que mereciam ser respeitados.



Figura 6 Processo de construção coletiva: professor orienta a turma na elaboração da nuvem de palavras através do aplicativo Mentimeter. Autoria: Klever Alberto, 2024.

Mais do que entender conceitos sociológicos, os alunos se reconheceram nos próprios gestos. Entenderam que conhecimento não é aquilo que está nos livros ou nos muros da escola, mas também o que pulsa dentro de si. As histórias pessoais, antes guardadas, começaram a ganhar espaço, como sementes que só precisavam de um pouco de atenção para germinar.

O quarto encontro, embora menos efusivo, foi talvez o mais profundo até então. Ele não se deu nos aplausos nem nas cores, mas nos detalhes: no silêncio reflexivo, nas palavras desenhadas com hesitação no quadro, e na forma como os alunos saíram da sala, mais devagar, como quem começou a perceber o mundo ao redor com novos olhos.

5.5 Aula 5

O quinto encontro se dedicou à análise do capítulo mais emblemático da obra: o encontro entre o Pequeno Príncipe e a Raposa. Aqui, os alunos foram convidados a compreender o que significa criar laços, a importância do tempo e do cuidado nas relações humanas e como a reciprocidade afeta a construção de vínculos sociais. O objetivo foi mostrar que vínculos não se produzem de forma instantânea, e sim por meio da presença, da dedicação e do reconhecimento mútuo.



Figura 7 Versão da raposa e da rosa reinventadas pelos alunos, mesclando o texto de Saint-Exupéry com seus universos pessoais. Autoria: Klever Alberto, 2024

A partir das contribuições de Émile Durkheim sobre solidariedade (mecânica e orgânica) e das reflexões de Zygmunt Bauman sobre o amor líquido, foi possível estimular o pensamento crítico sobre a superficialidade das relações atuais, muitas vezes mediadas pelas redes sociais, e a necessidade de se reconectar com formas mais profundas de convívio e afeto. Também foi abordado o papel da confiança nas interações sociais e como ela influencia na construção das identidades.

Este encontro visou sensibilizar os estudantes para a valorização das relações afetivas, do compromisso e do cuidado com o outro, bem como ajudá-los a compreender que criar laços é também uma forma de existir e de dar sentido à própria vida. As atividades propostas buscaram unir escuta, expressão emocional e argumentação sociológica.



Figura 8 Versão da rosa reinventada pelos alunos, mesclando o texto de Saint-Exupéry com seus universos pessoais. Autoria: Klever Alberto, 2024

A emoção marcou esse quinto encontro. Ao escreverem cartas para pessoas especiais, foi possível observar os estudantes presos em pensamentos profundos. Uma estudante compartilhou uma carta extremamente tocante que havia escrito para a avô recentemente falecida, discutindo o significado do conceito de "cuidar" com uma sinceridade que emocionou profundamente toda a turma, devido a morte precoce de seu avô que foi acometido por Alzheimer e posteriormente um AVC.



Figura 9 A cena da partida do Pequeno Príncipe ressignificada pelos estudantes, que mesclam elementos da obra com referências de seus universos culturais e afetivos. Autoria; Klever Alberto, 2024.

Nesse dia, muitos alunos revelaram sentimentos que normalmente não exporiam em sala de aula comum, isso gerou um momento de desabafo, aquele encontro virou um roto de fuga para as emoções que eram guardadas a sete chaves. A professora esteve especialmente atenta, apoiando emocionalmente cada aluno que compartilhou suas experiências.

5.6 Aula 6

O sexto e último encontro da sequência foi dedicado a refletir sobre os temas da

saudade, da ausência, da morte simbólica e da continuidade dos afetos mesmo após a partida. Para esse encontro, devido aos acontecimentos do encontro anterior, o aplicador resolveu convidar a psicóloga da instituição para dar suporte caso fosse necessário. A partir da leitura dos capítulos finais do livro, foi trabalhado com os alunos a ideia de que a dor, a despedida e a lembrança são partes fundamentais da experiência humana, e que são elas que muitas vezes revelam o verdadeiro valor das relações sociais presentes em nossos cotidianos.

A partir do conceito de ação social com sentido subjetivo de Max Weber, os alunos poderão compreender como os sentimentos individuais carregam sentidos construídos socialmente. A leitura se tornou também uma oportunidade para retomar os temas vistos nos encontros anteriores, agora com uma carga emocional e simbólica mais intensa, promovendo uma síntese dos aprendizados sobre afeto, memória e existência.



Figura 10 Representações estudantis do emblemático encontro com a raposa. Autoria: Klever Alberto, 2024

Além de Weber, foram exploradas reflexões de Hannah Arendt sobre a condição humana, em especial sobre a natalidade, a finitude e a ação, para mostrar que lembrar, cuidar e manter viva uma memória também é uma forma de resistência afetiva em um mundo que apaga o passado e tem medo do futuro.



Figura 11 Reinterpretações da rosa solitária, onde os estudantes exploram através da arte os temas da saudade, do amadurecimento e da auto-descoberta na ausência. Autoria: Klever Alberto, 2024.

O encontro final trouxe à tona uma profunda reflexão sobre saudade e memória afetiva. Durante a roda de conversa, muitos alunos relataram experiências pessoais sobre perdas e como essas memórias afetivas permanecem presentes em suas vidas.



Figura 12 Representação artística do Pequeno Príncipe imerso em pensamentos, onde os estudantes exploram visualmente seus momentos de solidão e descoberta. Autoria: Klever Alberto, 2024.

No encerramento, cada estudante expressou como havia sido afetado pela sequência didática. Foi evidente o impacto positivo, tanto emocional quanto sociológico, que as atividades proporcionaram. O clima era de despedida, mas também de reconhecimento e satisfação pelo crescimento vivenciado até ali. As telas foram

concluídas depois de um longo trabalho coletivo.



Figura 13 Os Estudantes recriam o príncipe protegendo sua rosa, capturando em traços e cores a delicada dialética entre posse e cuidado que marca a obra. Autoria: Klever Alberto, 2024.

Ao finalizar, a professora ressaltou com gratidão o quanto também aprendera com as reflexões e vivências compartilhadas pelos alunos, encerrando de forma calorosa uma experiência educacional verdadeiramente transformadora.

A intervenção pedagógica realizada, revelou-se uma experiência profundamente transformadora, com efeitos que transpuseram os limites da sala de aula. Desde os primeiros momentos, foi possível perceber um cenário desafiador: a biblioteca da escola encontrava-se subutilizada, pouco frequentada pelos estudantes e com um número bastante reduzido de usuários cadastrados para empréstimos. Esse dado inicial já apontava para a urgência de ações que aproximassem os alunos do universo literário e dos espaços de leitura da instituição.

A proposta, ao articular conteúdos sociológicos com uma narrativa literária sensível e filosófica, foi construída com o intuito de promover reflexões significativas e, ao mesmo tempo, despertar o interesse pela leitura de forma afetiva. Com o passar das semanas, os efeitos começaram a se manifestar. Alunos que raramente entravam na biblioteca passaram a visitá-la com frequência. A movimentação no espaço aumentou de maneira perceptível. Segundo relatos da própria bibliotecária, o número de cadastros de carteirinhas cresceu significativamente, surpreendendo a equipe escolar. Surgiu entre os estudantes uma curiosidade espontânea, uma vontade de explorar livros, fazer perguntas e compartilhar impressões.

Durante a intervenção, identificou-se também uma limitação importante: o acervo da obra escolhida era bastante restrito. O número reduzido de exemplares dificultava o acesso simultâneo à leitura. Diante disso, uma solução criativa e simbólica foi adotada. Na segunda semana, os alunos foram surpreendidos com a entrega de cópias individuais do livro, com a notícia de que poderiam levá-las para casa e, ao final da experiência, permanecer com elas. Esse gesto, embora simples, teve grande impacto emocional. Muitos estudantes jamais haviam recebido um livro como presente. A obra deixou de ser apenas um instrumento didático e passou a representar uma lembrança afetiva, uma marca positiva de pertencimento e valorização da leitura.

Com o avanço do projeto, notou-se uma transformação no olhar dos estudantes para o ambiente escolar. A biblioteca deixou de ser um espaço secundário e passou a ser frequentada com mais naturalidade. A leitura tornou-se mais presente no cotidiano dos jovens, não por obrigação, mas por desejo e curiosidade. Ao se identificarem com os temas discutidos, muitos passaram a se interessar também por outros assuntos sociológicos e por obras literárias diversas.

O impacto da proposta foi tão expressivo que inspirou desdobramentos na instituição. A escola, em parceria com os professores, instituíram uma nova disciplina eletiva, chamada Sociologuei, voltada especialmente à abordagem de temas sociológicos por meio da leitura crítica e de debates acessíveis. A ideia era dar continuidade ao projeto inicial, ampliando seu alcance e tornando-o parte do currículo regular. A eletiva rapidamente conquistou o interesse dos alunos, fortalecendo ainda mais o vínculo entre literatura, pensamento crítico e vivência escolar.

Além disso, a intervenção serviu como ponto de partida para outros projetos importantes. Entre eles, destaca-se o Projeto Enegecer, que passou a integrar o calendário da instituição. A proposta consiste em unir elementos da cultura negra, como o rap, o hip-hop e a oralidade periférica, aos conteúdos da Sociologia. São promovidas oficinas, rodas de conversa e batalhas de rima que articulam experiências pessoais dos alunos com reflexões sobre identidade, racismo, desigualdade e resistência. Letras de músicas e trechos de textos passam a ser analisados em sala de aula, estabelecendo pontes entre o conhecimento acadêmico e a realidade vivida pelos estudantes.

A partir desse movimento inicial, novas oficinas foram organizadas em parceria com coletivos culturais e outras instituições. Nessas ações, outras obras da literatura foram incorporadas ao projeto pedagógico. Entre os títulos explorados estão *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos; *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector; *Memórias Póstumas de*

Brás Cubas e O Alienista, ambos de Machado de Assis. Em todas essas experiências, manteve-se a mesma lógica metodológica: leitura compartilhada, mediação crítica, análise de questões sociais e produção autoral dos alunos. Além da leitura, os estudantes foram incentivados a escrever, criar zines, compor textos e desenvolver expressões artísticas inspiradas nos temas abordados.

Os resultados de todas essas iniciativas demonstram que o projeto original plantou uma semente que germinou e frutificou. Ao estimular o afeto, o pensamento e a leitura, a intervenção transformou relações. Transformou o modo como os estudantes veem a leitura, a biblioteca e a própria escola. Mostrou, sobretudo, que quando se promove o conhecimento com escuta, criatividade e cuidado, a educação se torna mais significativa e o aprendizado passa a ter sentido real na vida dos alunos.

Em síntese, o trabalho não apenas cumpriu o seu objetivo inicial de apresentar uma alternativa para o ensino de sociologia no ensino médio utilizando a literatura infantojuvenil, mas também ampliou possibilidades. Gerou frutos visíveis, consolidou espaços de fala e reflexão, incentivou a criação de novas práticas e reafirmou o papel da literatura e da Sociologia como instrumentos de transformação social e cultural no ambiente escolar.

6. CONCLUSÃO

Mais do que apresentar resultados objetivos, esta intervenção revelou o poder da educação por meio da escuta e construção coletiva do conhecimento. Ao unir a literatura com os debates sociológicos, foi possível abrir caminhos para que os estudantes não apenas compreendessem teorias, mas também refletissem sobre si, sobre o outro e sobre o mundo à sua volta.

A experiência mostrou que a leitura, quando bem mediada, é capaz de tocar camadas profundas dos sujeitos. E quando essa leitura se transforma em diálogo e ganha espaço para ressoar no cotidiano escolar, nasce um ambiente onde o aprender deixa de ser obrigação e passa a ser descoberta. A escolha da obra literária foi apenas o início de um processo muito maior: uma experiência compartilhada que mobilizou sentimentos, reflexões e novas formas de se relacionar com o saber e com o mundo.

É fundamental lembrar que essa iniciativa também surgiu a partir de um incômodo real. Nos últimos anos, a educação pública, especialmente as disciplinas das Ciências Humanas, vem sofrendo ataques sistemáticos, com tentativas de desvalorização, cortes e silenciamentos. A Sociologia, em particular, tem sido colocada à margem em muitos espaços escolares, como se refletir criticamente sobre a sociedade fosse algo dispensável. Diante disso, esta intervenção também se configura como um gesto de resistência. Ela nasce da necessidade de afirmar o valor do pensamento crítico e de manter viva a função social da escola como lugar de formação humana e cidadã.

Ao longo do processo, ficou evidente que a escola pode ser muito mais do que um espaço de conteúdo: pode ser um lugar de encontros significativos, onde o conhecimento se constrói com base na escuta, na empatia e na abertura ao novo. A mediação pedagógica não se deu apenas pela transmissão de conceitos, mas pela construção de vínculos e pelo estímulo à curiosidade e ao pensamento crítico/autônomo dos estudantes.

Essa intervenção não representa um ponto final. Pelo contrário, ela abre novas possibilidades. Seu impacto ultrapassou os muros da sala de aula e inspirou outras ações dentro da mesma instituição. É nesse movimento de continuidade, de cultivo e reinvenção, que a educação encontra sua força transformadora. Quando há espaço para experimentar, para criar e para escutar os estudantes, a escola revela seu maior potencial: o de transformar realidades e formar sujeitos críticos, sensíveis e protagonistas de suas próprias histórias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASSO, E. A.; MIQUELANTE, M. A. **Reflexões e encaminhamentos para o trabalho com a leitura em língua estrangeira na educação básica.** Contexturas, v. 23, p. 17-38, 2014.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida.** Tradução: Plínio, Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, 255p.
- BLUMER, Herbert. (1969), **Symbolic interactionism.** Englewood Cliffs, Prentice-Hall.
- CÂNDIDO, Antônio. **O direito à literatura.** 1988. Disponível em: <https://culturaemarxismo.files.wordpress.com/2011/10/candido-antonio-o-direito-c3a0-literatura-in-vc3a1rios-escritos.pdf>.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática.** 1.^a ed., 3.^a reimpressão - São Paulo: Contexto, 2009.
- CRISTOVÃO, V.L.L. **Sequências Didáticas para o ensino de línguas.** In: DIAS, R.; CRISTOVÃO, V. L. L. (Org.). **O Livro Didático de Língua Estrangeira: múltiplas perspectivas.** Campinas: Mercado de Letras, 2009.
- DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard; PIETRO, Jean François de. **Relato da elaboração de uma sequência: o debate público.** Em: SCHNEUWLY, Bernard e DOLZ, Joaquim (Org.). **Gêneros orais e escritos na escola.** Tradução e organização Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.
- DURKHEIM, Émile. ([1912] 1994), **Les formes élémentaires de la vie religieuse** 3 ed. Paris, PUF.
- ESTADO DO PARANÁ, conselho estadual de educação: Deliberação nº02/2015-CEE/PR. **Normas Estaduais para Educação em Direitos Humanos.** Curitiba, 2015.
- FERREIRO, E. **Desenvolvimento da Alfabetização: psicogênese.** In: GOODMAN, Y. M. (Org.). **Como as Crianças Constroem a Leitura e a Escrita: perspectivas piagetianas.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, p.22-35.
- FERNANDES, Florestan. (1959), **Fundamentos empíricos da explicação sociológica** São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** 9.^a ed., Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra, 1981.
- GOFFMAN, Erving. (1951), "Symbols of class status". The British Journal of Sociology, 2: 294-304.
- GOULD, Stephen J. **A falsa medida do homem.** São Paulo: Martins Fontes, 1999. Tradução: Valiér Lellis Siqueira.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos.** São Paulo: Nova Cultural, 1987.

MOSCOVICI, S. (2003). **Representações sociais: investigações em psicologia social** (P. A. Guareschi, trad.). Petrópolis, RJ: Vozes (Trabalho original publicado em 2000).

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** 2.^a ed.rev.-São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2011.

OLIVEIRA, D. M. **Gêneros multimodais e multiletramentos: novas práticas de leitura na sala de aula.** Anais... Do VI Fórum Identidades e Alteridades e II Congresso Nacional Educação e Diversidade. 28 a 30 de novembro de 2013 UFS–Itabaiana/SE.

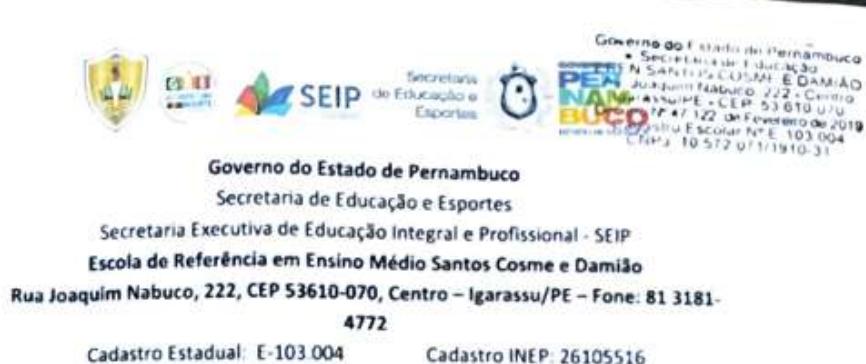
PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. Departamento de Educação Básica. **Diretrizes curriculares de língua estrangeira moderna para a educação básica.** Curitiba, 2008.

SANTOS, Gislene A. **Universidade formação cidadania.** São Paulo: Cortez, 2001.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O Pequeno Príncipe.** São Paulo: Pae Editora, 2023. 123 p. Tradução de: Giulia Werner Tiltscher.

Tajfel, H., & Turner, J. C. (1979). **An integrative theory of intergroup conflict.** In W. G. Austin & S. Worchsel (Eds.). *The social psychology of intergroup relations*. Monterey, CA: Brooks/Cole, 33-47.

8. ANEXOS



Declaração

Declaro, para os devidos fins, que **Klever Alberto da Silva** realizou a intervenção pedagógica intitulada "Tu te tornas responsável pela Sociologia que pratica uma intervenção pedagógica através da literatura infantojuvenil", na Biblioteca da Escola de Referência em Ensino Médio Santos Cosme e Damião, localizada na rua Joaquim Nabuco, 222 – CEP: 53.610-076 Centro / Igarassu-PE, durante os meses de novembro e dezembro do ano de 2024.

A referida intervenção teve como objetivo aproximar os estudantes do Ensino Médio dos conceitos sociológicos por meio da leitura, análise e discussão de obras da literatura infantojuvenil, promovendo o desenvolvimento do pensamento crítico e da imaginação sociológica.

Igarassu, 05 de maio de 2025

Viviane Maria Câmara Uchôa Cavalcanti
Gestora / Matrícula 249 666-6

Viviane Maria Câmara
Uchôa Cavalcanti
Gestora - Mat. 249 666-6

Figura 14 Declaração da realização da Intervenção



Figura 15 Sarau Enegrer (após o fim da intervenção): vozes que ecoam conhecimento, arte e identidade! Autor: Klever Alberto, 2024.



Figura 16 Roda de Conversa 'Escola Sem Racismo': uma construção coletiva entre escola, comunidade e o SINTEPE, fortalecida pelo Projeto Enegrer (após o fim da intervenção) que foi criado em parceria dos professores de Linguagens e Humanas. Autor: Klever Alberto, 2024.



Figura 17 Criação de zine para o Sarau (após o fim da intervenção). Autor: Klever Alberto, 2024.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

INFORMAÇÕES DA TURMA

Disciplina	Sociologia
Nível de Ensino	Ensino Médio
Série/Turma	1º Ano

DESCRIÇÃO DA(S) AULA(S)

Aula	01
Tema	Olhos inocentes, jaulas invisíveis
Objetivo	<p>Este encontro tem como objetivo principal despertar nos alunos uma reflexão crítica sobre a infância enquanto construção social e cultural, abordando como a sociedade, ao longo do tempo, moldou e restringiu a imaginação, a criatividade e a liberdade de expressão dos indivíduos. A partir disso, busca-se promover não apenas o conhecimento técnico-científico, mas também o desenvolvimento de um olhar mais atento, ético e humano sobre si mesmos, sobre os outros e sobre o mundo.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Refletir sobre a infância como construção social e o papel da imaginação na formação do sujeito. • Compreender como normas sociais moldam a expressão e os sonhos dos indivíduos.
Objetivos de Conhecimento	<ul style="list-style-type: none"> • Conceitos e características de sociedade, organização social, instituições sociais, relações de poder, processos sociais, tipos de socialização, comunidade, grupo social, papéis e status sociais, interação social. • Princípios epistemológicos: Estranhamento e desnaturalização, imaginação sociológica.
Competências	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender os sujeitos como agentes sociais e históricos

	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender a construção dos sujeitos sociais e sua inserção nos grupos sociais
Habilidade	(EM13CHS101SOC01PE) Analisar temas, fenômenos e processos sociais, econômicos, políticos e culturais, a partir de concepções clássicas e contemporâneas das Ciências Sociais e da Sociologia, fomentando a imaginação sociológica sobre diferentes narrativas e fontes que explicam a vida social.
Livro Trabalhado	O Pequeno Príncipe
Capítulos Trabalhados	1 a 4
Autores Trabalhados	<ul style="list-style-type: none"> • Émile Durkheim • Philippe Ariès • Pierre Bourdieu • C. Wright Mills
Duração	90 minutos (2 aulas)
Materiais	Livro paradidático, pincéis, tintas guache, som ambiente, tv, computador e bloco de anotações.
Procedimentos	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura coletiva dos capítulos 1 a 4. • Roda de conversa: "Como o mundo vê nossas ideias?" • Atividade artística: pintura coletiva sobre tela. • Introdução teórica: infância como construção social e coerção social (Durkheim).
Avaliação	Individual e/ou em grupo, através da participação oral .
Referência Bibliográfica	<p>ARIÈS, Philippe. História Social da Criança e da Família. Rio de Janeiro: LTC, 1981.</p> <p>BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.</p>

DURKHEIM, Émile. Educação e Sociologia. São Paulo: Editora Nacional, 1978.

DURKHEIM, Émile. Da divisão do trabalho social. Tradução de Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MILLS, C. Wright. A imaginação sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

INFORMAÇÕES DA TURMA

Disciplina	Sociologia
Nível de Ensino	Ensino Médio
Série/Turma	1º Ano

DESCRIÇÃO DA(S) AULA(S)

Aula	02
Tema	Só se vê bem com o coração (mas a sociedade ensina a ser cego)
Objetivo	<p>O encontro buscará desenvolver no estudante a escuta ativa, a empatia e a expressão artística como formas legítimas de compreensão e comunicação sociológica. Além disso, pretende-se despertar o interesse dos alunos por uma abordagem crítica da cultura e das práticas sociais, estimulando-os a valorizar o que realmente constrói sentido e conexão entre as pessoas em um mundo marcado por superficialidade e pressa.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Analisar os vínculos afetivos como parte das construções culturais. • Refletir sobre como o afeto é visto e sentido na sociedade contemporânea.
Objetivos de Conhecimento	<ul style="list-style-type: none"> • Ação social, vínculo e afeto; cultura simbólica. • Identidade, pertencimento e laços sociais.
Competências	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender os sujeitos como agentes sociais e históricos • Compreender a construção dos sujeitos sociais e sua inserção nos grupos sociais
Habilidade	(EM13CHS104SOC04PE) Distinguir e valorizar objetos e elementos da cultura material e imaterial de diferentes povos e grupos étnico raciais, pesquisando, reconhecendo e respeitando as diversidades socioculturais e identitárias e sua multiplicidade

	de conhecimentos, crenças, valores e práticas culturais na sociedade.
Livro Trabalhado	O Pequeno Príncipe
Capítulos Trabalhados	5 a 8
Autores Trabalhados	<ul style="list-style-type: none"> • Max Weber • Zygmunt Bauman • Goffman • Pierre Bourdieu
Duração	90 minutos (2 aulas)
Materiais	Livro paradidático, pincéis, tintas guache, som ambiente, tv, computador e bloco de anotações.
Procedimentos	<ul style="list-style-type: none"> • Diálogo orientado sobre a frase 'O essencial é invisível aos olhos'. • Leitura dos capítulos 5 a 8. • Reflexão sobre o que é essencial na vida dos alunos. • Registro no caderno de reflexão: 'O que em mim não é visível, mas é essencial?'.
Avaliação	Individual e/ou em grupo, através da participação oral .
Referência Bibliográfica	<p>BAUMAN, Zygmunt. Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.</p> <p>BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.</p> <p>GOFFMAN, Erving. A Representação do Eu na Vida Cotidiana. Petrópolis: Vozes, 1985.</p> <p>WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.</p>

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

INFORMAÇÕES DA TURMA

Disciplina	Sociologia
Nível de Ensino	Ensino Médio
Série/Turma	1º Ano

DESCRIÇÃO DA(S) AULA(S)

Aula	03
Tema	Poderes e papéis
Objetivo	<p>Analisar sociologicamente os personagens encontrados pelo Pequeno Príncipe, tais como o rei, o vaidoso, o bêbado, o homem de negócios e o acendedor de lampiões. Cada um desses personagens representa um tipo social e uma crítica simbólica a comportamentos recorrentes em nossa sociedade. Compreender como o poder, o prestígio, o trabalho alienado e a vaidade operam como mecanismos sociais que moldam valores, comportamentos e relações humanas.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Compreender os personagens como representações simbólicas de tipos sociais presentes na sociedade. • Analisar criticamente os mecanismos de poder, alienação e dominação simbólica.
Objetivos de Conhecimento	<ul style="list-style-type: none"> • Poder simbólico, dominação e prestígio social. • Trabalho alienado, consumo e fetichismo da mercadoria.
Competências	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender os sujeitos como agentes sociais e históricos • Compreender a construção dos sujeitos sociais e sua inserção nos grupos sociais
Habilidade	(EM13CHS402SOC10PE) - Compreender os fundamentos econômicos das sociedades contemporâneas e suas implicações

	na vida social, associando criticamente indicadores de trabalho, emprego, transformações tecnológicas, renda e escolaridade, no Brasil e no mundo, a processos de estratificação e desigualdade socioeconômicas, inclusões e exclusões de grupos sociais no mundo do trabalho.
Livro Trabalhado	O Pequeno Príncipe
Capítulos Trabalhados	9 a 13
Autores Trabalhados	<ul style="list-style-type: none"> • Karl Marx – Alienação e crítica ao capitalismo. • Pierre Bourdieu – Poder simbólico. • Max Weber – Tipos de dominação.
Duração	90 minutos (2 aulas)
Materiais	Livro paradidático, pincéis, tintas guache, som ambiente, tv, computador e bloco de anotações.
Procedimentos	<ul style="list-style-type: none"> • Classificação dos personagens como tipos sociais. • Leitura dos capítulos 9 a 13. • Diálogo orientado sobre a frase 'Quem são os reis, vaidosos e empresários de hoje?'. • Debate com conexão aos conceitos marxistas, weberianos e de Bourdieu. • Registro reflexivo no bloco de anotações: 'Em que momento me senti parte de uma engrenagem?'. • Atividade artística: pintura coletiva sobre tela.
Avaliação	Individual e/ou em grupo, através da participação oral .
Referência Bibliográfica	BOURDIEU , Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

MARX, Karl. *O Capital: Crítica da Economia Política*. Livro I. São Paulo: Boitempo, 2017

MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2004.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. Brasília: Editora UnB, 1999.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

INFORMAÇÕES DA TURMA

Disciplina	Sociologia
Nível de Ensino	Ensino Médio
Série/Turma	1º Ano

DESCRIÇÃO DA(S) AULA(S)

Aula	04
Tema	Rotina, conhecimento e experiência.
Objetivo	<p>Analisar a automatização da vida, a lógica da produtividade e a separação entre o saber racional e a experiência vivida. Através da leitura e das discussões, espera-se promover um olhar mais crítico e reflexivo sobre como a sociedade atual valoriza o fazer repetitivo e quantificável, enquanto desvaloriza o sentir, o experienciar e o refletir.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Refletir sobre a automatização da vida moderna e a desconexão entre conhecimento técnico e experiência. • Valorizar a vivência como uma forma legítima de aprendizagem e construção de sentido.
Objetivos de Conhecimento	<ul style="list-style-type: none"> • Rotina, repetição e desencantamento do mundo. • Conhecimento empírico e técnico-científico; saber e sentir.
Competências	<ul style="list-style-type: none"> • Discutir o papel das vivências na formação do sujeito. • Analisar criticamente as diferentes formas de produção de conhecimento.
Habilidade	(EM13CHS402SOC10PE) - Compreender os fundamentos econômicos das sociedades contemporâneas e suas implicações na vida social, associando criticamente indicadores de trabalho, emprego, transformações tecnológicas, renda e escolaridade, no

	Brasil e no mundo, a processos de estratificação e desigualdade socioeconômicas, inclusões e exclusões de grupos sociais no mundo do trabalho.
Livro Trabalhado	O Pequeno Príncipe
Capítulos Trabalhados	14 a 18
Autores Trabalhados	<ul style="list-style-type: none"> • Max Weber – Racionalização e desencantamento. • Anthony Giddens – Identidade moderna e reflexividade.
Duração	90 minutos (2 aulas)
Materiais	Livro paradidático, pincéis, tintas guache, som ambiente, tv, computador e bloco de anotações.
Procedimentos	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura dos capítulos 14 a 18. • Diálogo orientado sobre a frase "O que repetimos sem perceber?". • Debate com conexão aos conceitos weberianos. • Nuvem de palavras com base na pergunta: “Que saber carrego só porque vivi?”. • Atividade artística: pintura coletiva sobre tela.
Avaliação	Individual e/ou em grupo, através da participação oral .
Referência Bibliográfica	<p>GIDDENS, Anthony. Sociologia. Porto Alegre: Artmed, 2005.</p> <p>WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.</p> <p>WEBER, Max. Economia e Sociedade. Brasília: Editora UnB, 1999.</p>

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

INFORMAÇÕES DA TURMA

Disciplina	Sociologia
Nível de Ensino	Ensino Médio
Série/Turma	1º Ano

DESCRIÇÃO DA(S) AULA(S)

Aula	05
Tema	A construção do afeto: por favor, cativa-me!
Objetivo	<p>Compreender o que significa criar laços, a importância do tempo e do cuidado nas relações humanas e como a reciprocidade afeta a construção de vínculos sociais. O objetivo é mostrar que vínculos não se produzem de forma instantânea, e sim por meio da presença, da dedicação e do reconhecimento mútuo.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Entender a formação dos laços afetivos como processo social, simbólico e ético. • Refletir sobre o tempo, o cuidado e a reciprocidade nas relações sociais.
Objetivos de Conhecimento	<ul style="list-style-type: none"> • Afetividade, tempo e convivência; vínculo e reconhecimento. • Solidariedade mecânica e orgânica; laço social e modernidade líquida.
Competências	<ul style="list-style-type: none"> • Analisar as relações interpessoais e afetivas na construção da identidade • Discutir a importância dos vínculos sociais nas práticas de convivência.
Habilidade	(EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam

	os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.
Livro Trabalhado	O Pequeno Príncipe
Capítulos Trabalhados	19 a 23
Autores Trabalhados	<ul style="list-style-type: none"> • Émile Durkheim – Solidariedade social. • Zygmunt Bauman – Amor líquido. • Anthony Giddens – Relações e confiança na modernidade.
Duração	90 minutos (2 aulas)
Materiais	Livro paradidático, pincéis, tintas guache, som ambiente, tv, computador e bloco de anotações.
Procedimentos	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura dos capítulos 19 a 23. • Diálogo orientado sobre a frase "O que é criar laços?". • Diálogo: 'O que é domesticar alguém?'. • Criação de cartas para alguém considerado “único no mundo”. • Exposição oral das cartas.
Avaliação	Individual e/ou em grupo, através da participação oral .
Referência Bibliográfica	<p>BAUMAN, Zygmunt. Amor Líquido: Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos.</p> <p>DURKHEIM, É. Da divisão do trabalho social. Trad. Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.</p> <p>GIDDENS, Anthony. Sociologia. Porto Alegre: Artmed, 2005.</p> <p>GIDDENS, A. Modernidade e identidade. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.</p>

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

INFORMAÇÕES DA TURMA

Disciplina	Sociologia
Nível de Ensino	Ensino Médio
Série/Turma	1º Ano

DESCRIÇÃO DA(S) AULA(S)

Aula	06
Tema	Só se vê bem com o coração.
Objetivo	<p>Reflexão sobre a saudade, a ausência, a morte simbólica e da continuidade dos afetos mesmo após a partida. A partir da leitura dos capítulos finais do livro, pretende-se trabalhar com os alunos a ideia de que a dor, a despedida e a lembrança são partes fundamentais da experiência humana, e que são elas que muitas vezes revelam o verdadeiro valor das relações.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Compreender a importância da saudade, da ausência e da memória como partes da experiência humana. • Refletir sobre como os vínculos continuam mesmo na ausência física e como a memória constrói identidade e sentido.
Objetivos de Conhecimento	<ul style="list-style-type: none"> • Sentido subjetivo da ação; finitude e continuidade simbólica. • Memória afetiva; luto e existência; permanência no outro.
Competências	<ul style="list-style-type: none"> • Analisar a construção da subjetividade a partir das experiências de vida. • Refletir sobre a relação entre memória, tempo e identidade.
Habilidade	(EM13CHS502FI18PE) Problematizar, de modo reflexivo, a construção das dimensões éticas do sujeito na contemporaneidade.

	(EMIFLGG08PE) Selecionar e mobilizar intencionalmente conhecimentos e recursos das práticas de linguagem para propor ações individuais e/ou coletivas de mediação e intervenção sobre saúde física e emocional e estilo de vida considerando seus atores e suas formas de interação e de atuação social.
Livro Trabalhado	O Pequeno Príncipe
Capítulos Trabalhados	24 a 27
Autores Trabalhados	<ul style="list-style-type: none"> • Max Weber – Ação social com sentido subjetivo. • Hannah Arendt – Condição humana e permanência pelo afeto.
Duração	90 minutos (2 aulas)
Materiais	Livro paradidático, pincéis, tintas guache, som ambiente, tv, computador e bloco de anotações.
Procedimentos	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura dos capítulos 24 a 27. • Roda de conversa: 'Quem ou o que permanece mesmo depois da partida?'. • Conclusão dos quadros. • Encerramento simbólico da sequência com fala coletiva onde cada aluno possa fazer sua autoavaliação.
Avaliação	Individual e/ou em grupo, através da participação oral .
Referência Bibliográfica	<p>ARENDT, Hannah. <i>A condição humana</i>. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.</p> <p>WEBER, Max. <i>Economia e Sociedade: Fundamentos da Sociologia Compreensiva</i>.</p>

Aula	Autores	Teorias / Conceitos utilizados
01 – Olhos inocentes, jaulas invisíveis	Émile Durkheim, Philippe Ariès, Pierre Bourdieu, C. Wright Mills	Infância como construção social; Coerção social; Imaginário social; Habitus; Capital cultural; Imaginação sociológica
02 – Só se vê bem com o coração	Max Weber, Zygmunt Bauman, Erving Goffman, Pierre Bourdieu	Ação social; Cultura simbólica; Identidade e pertencimento; Modernidade líquida; Representação do eu; Poder simbólico
03 – Poderes e papéis	Karl Marx, Pierre Bourdieu, Max Weber	Alienação; Crítica ao capitalismo; Poder simbólico; Tipos de dominação; Fetichismo da mercadoria
04 – Rotina, conhecimento e experiência	Max Weber, Anthony Giddens	Racionalização; Desencantamento do mundo; Identidade moderna; Reflexividade
05 – A construção do afeto: por favor, cativa-me!	Émile Durkheim, Zygmunt Bauman, Anthony Giddens	Solidariedade social; Laços sociais; Amor líquido; Relações de confiança na modernidade
06 – Só se vê bem com o coração (encerramento)	Max Weber, Hannah Arendt	Ação social com sentido subjetivo; Condição humana; Memória e permanência simbólica